

universidade federal de santa catarina
departamento de arquitetura e urbanismo
trabalho de conclusão de curso (tcc)
caderno final
jul/2021

bárbara sbeghen ghisleni
orientação: eduardo westphal

uma praça para o Movimento em Florianópolis
e algumas reflexões sobre corpo&cidade,
movimento&desenho

agradecimentos

aos meus pais, por sempre me incentivarem nos estudos, apoiarem e criarem todas as condições para minha caminhada até aqui.

a minha mãe Nilva por estar presente e por me presentear com tanto amor, ao longo da realização desse trabalho e para além dele.

a minha irmã Camilla, pela fraternidade e pela inspiração na escolha dessa carreira profissional.

à comunidade da Universidade Federal de Santa Catarina e pela oportunidade de fazer parte dela.

aos meus professores Eduardo e Isaac por me orientarem, na arquitetura e no movimento, com empatia, paciência e sabedoria. Também a todos os demais professores e professoras de quem aprendi, que com dedicação exercem suas profissões e impulsionam seus alunos para a evolução.

ao Isaac, pelo companheirismo, apoio e carinho no entrelaçar do movimento com a vida.

a todos os meus amigos de dentro da arquitetura, especialmente aos queridos colegas da 15.1, e aos de fora também, pela trocas sempre produtivas e pela torcida mútua.

sumário

INTRODUÇÃO: motivação

movimento *versus* arquitetura

1. ESCALA 1: cidade/corpo

pictogramas

estudos de caso

uma metodologia para o estudo do Movimento

2. ESCALA 2: Centro/coluna

conectividade

vivência espacial

subutilização de espaços públicos

pluralidade e diversidade

norteadores do desenho

3. ESCALA 3: praça/vértebra

histórico

conectividade, diversidade e subutilização

fluxos e usos existentes

maquete física

4. proposição/movimento

5. ISOLAMENTO exercício de Desfixação

6. INTEGRAÇÃO aplicação do exercício

7. IMPROVISACÃO proposta geral

referências

INTRODUÇÃO:

motivação

movimento *versus* arquitetura

O tema do meu trabalho foi inspirado pelo desejo de entender qual a relação existente entre a arquitetura e o urbanismo e o estudo do Movimento.

Ouvi falar sobre movimento dessa forma pela primeira vez em 2018, ano que antecedeu o intercâmbio que tive a oportunidade de fazer na graduação.

Vivendo em Valência, na Espanha, dei início a um processo de aprofundamento do estudo do movimento - ou provavelmente o mais adequado seria dizer: de perceber o quão profundo ele poderia ser.

Minhas vivências nesse período e também posteriormente a ele, frequentemente relacionadas ao movimento e atravessadas por um olhar construído ao longo da faculdade de arquitetura, tiveram importante papel para o desenvolvimento deste trabalho.



Fotografia com grupo de movimento em Valência (2019).
Fonte: Acervo da autora.

Ao longo dele, **exponho elementos da minha experiência** praticando movimento em espaços públicos e também conhecendo duas escolas que trabalham com essa temática, em Florianópolis e em Berlim. **Estabeleco uma relação entre esses elementos e conceitos teóricos ou artísticos** desenvolvidos por alguns autores e **utilizo analogias** para ilustrar correspondências que fui percebendo entre essas duas áreas de estudo. Em última instância, **proponho um desenho** que tem como origem e intenção, ao mesmo tempo, o estabelecimento de um diálogo entre o movimento e arquitetura, um diálogo entre o corpo e a cidade.



Registro de uma prática de movimento em Valência (2019). Fonte: Acervo da autora.

ESCALA 1: cidade/corpo

Neste trabalho, a busca por entender a relação existente entre a arquitetura e o urbanismo e o movimento passa por reflexões em três escalas diferentes. Em cada uma destas escalas, relaciona-se uma estrutura que faz parte do universo da arquitetura, com uma do movimento. Na primeira delas, a reflexão se baseia numa analogia entre a cidade e o corpo humano. Em seguida, compara-se o bairro Centro com a coluna vertebral e depois, associa-se o terreno estudado com uma vértebra da coluna. A proposta de desenho urbano é comparada, finalmente, a uma proposta de movimento que envolve todas estas estruturas.

Para a primeira escala, que é também a mais abrangente dentre as três, esse entendimento pretendido passa por olhar para os objetos de estudo das duas áreas do conhecimento aqui relacionadas. Na arquitetura e urbanismo, estamos constantemente preocupados com as questões que compreendem a organização, a construção, a utilização e a manutenção de uma cidade. No movimento, essas mesmas preocupações incidem sobre seu objeto de estudo que é o corpo humano. Busca-se compreender, por exemplo, como ele está estruturado, como se dá a conexão e inter-relação entre suas partes, como é possível utilizar suas estruturas e cadeias com mais eficiência e através de estímulos que sejam sustentáveis a longo prazo e favoreçam sua longevidade.

As contribuições da artista austríaca VALIE EXPORT em sua obra intitulada "body configurations" (1972-76) inspiraram a pesquisa numa etapa preliminar do projeto e agora ajudam a ilustrar uma maneira integrada de ver o corpo e a cidade, tal qual proponho através desse trabalho.

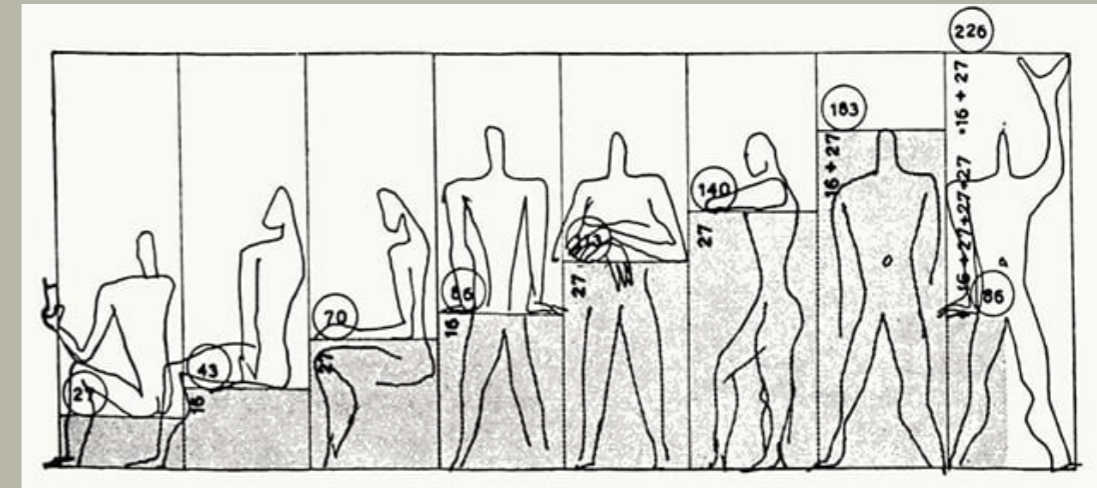
Expondo formas de interação direta e pouco convencionais de um corpo feminino com elementos do entorno urbano, a artista suscita reflexões, por um lado, acerca da noção tradicional de funcionalidade desses elementos e por outro, do espaço de fato ocupado por diferentes corpos e diferentes níveis de vulnerabilidade dentro da cidade.



PICTOGRAMAS movimento, cultura e espacialidade

O interesse por pesquisar sobre a relação entre o corpo e o espaço se expande para uma pesquisa dentro de culturas cujo biótipo difere do padrão de homem branco europeu e suas maneiras mais convencionais de se mover. Para isso foram selecionadas duas culturas ancestrais - indígena guarani e japonesa - que foram comparadas com a clássica representação do "Modulor" de Le Corbusier (1953).

A comparação gerou alguns pictogramas da utilização do espaço segundo essas culturas, que ressaltam o papel da escala humana no dimensionamento dos espaços nesse contexto. Ao final, é feita uma correlação entre a pesquisa e a utilização do espaço através do que seria uma manifestação de cultura originada pela prática de movimento, que se sintetiza no último pictograma.

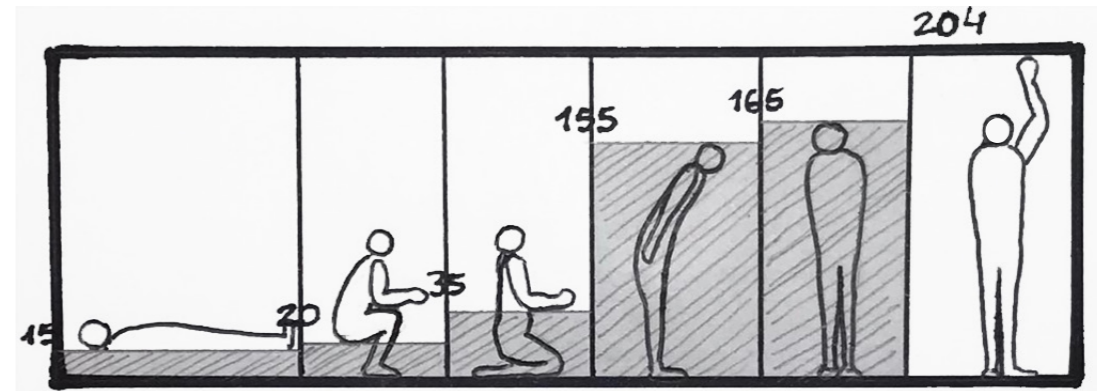


Representação do "Modulor", de Le Corbusier. Fonte: Icon Magazine

cultura japonesa

O movimento do corpo na cultura japonesa estabelece uma proximidade com o solo, que se revela, por exemplo, no costume de reverenciar ou cumprimentar curvando-se nessa direção. O tatame é um elemento que reforça essa relação e desempenha um papel na organização espacial doméstica do Japão (KARPOUZAS, 2003). Com pequena espessura e dimensões estabelecidas em função do corpo

humano (91x182cm), ele serve de suporte a ações como deitar-se ou sentar-se próximo ao chão. Nas tradições japonesas, a realização dessas e outras ações como a de evacuar acontecem por meio do apoio do próprio corpo, mais do que sobre móveis ou objetos externos. Alguns exemplos de posições típicas são a de cócoras e a seiza (sentar-se sobre as panturrilhas).

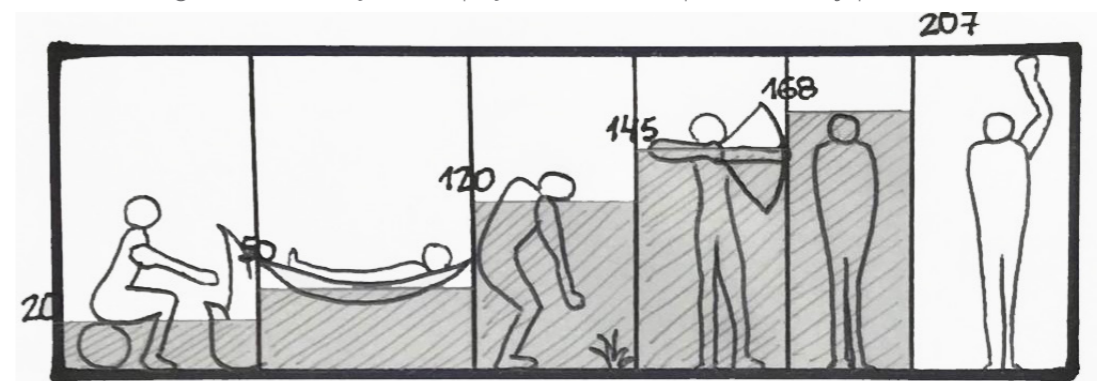


Pictograma da utilização do espaço através do corpo na cultura japonesa. Fonte: autora.

cultura indígena guarani

O território ocupado atualmente pelos Guarani compreende porções da Argentina, Bolívia, Paraguai e de oito estados brasileiros, sendo três deles os da região Sul. Conforme dados publicados no site Povos Indígenas do Brasil, eles constituem cerca de 85 mil representantes da população brasileira e estão divididos entre os grupos Mbya, Kaiowá e Nandeva. Esses grupos, por sua vez, se distinguem principalmente na língua praticada e em seus atos religiosos. Neste trabalho, são abordados traços comuns dos aspectos fundamentais de sua cultura.

Segundo relata Zanin (2018), a forte relação com a natureza se expressa na utilização dos espaços pelos Guarani. São comuns as práticas de sentar-se ao redor do fogo de chão para preparar o mate ou escutar os ensinamentos dos mais velhos e de cultivar o solo para sua subsistência. Se por um lado as redes estão presentes no cotidiano de descanso em meio à floresta, por outro, existe a tradição que é transmitida através de gerações de preparar-se fisicamente para atos de defesa, na realização de danças típicas como a do *xondaro* (guerreiro).

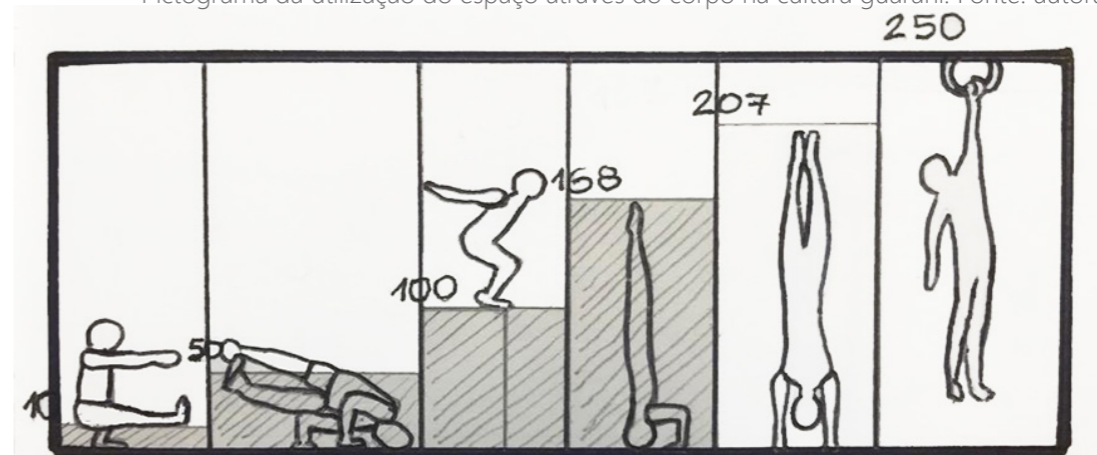


Pictograma da utilização do espaço através do corpo na cultura guarani. Fonte: autora

cultura de movimento

A "cultura de movimento" é um termo utilizado para referir-se às atividades de intercâmbio de informações e experiência entre os praticantes de movimento e sugere a dissolução das fronteiras entre saúde, estética, performance e arte (PORTAL, c2017). Ao se relacionar com uma prática generalista que por definição não se restringe a tipos determinados de movimentação ou partes/grupos

do corpo, a utilização e produção de espaço por essa cultura, consequentemente, se dá de maneira abrangente e diversificada. Explorando formas, texturas e alturas variadas presentes no ambiente onde estão inseridos, os movimentos representados no pictograma ao lado vão de muito próximo ao chão até suspenso e envolvem todo o corpo em sua execução.



Pictograma da utilização do espaço através do corpo na cultura de movimento. Fonte: autora

estudos de caso: The School - Berlim

Em agosto de 2020, ano em que finalizava meu intercâmbio da graduação, tive a oportunidade de conhecer a cidade de Berlim e de vivenciá-la sob a ótica da prática de movimento - individualmente e em grupo - já que pude frequentar durante uma semana os treinos do grupo de movimento orientado por Joseph Bartz e sua equipe, que se realizaram em quatro espaços públicos distintos da cidade. Também pude visitar e pernoitar no edifício que nesse momento era a sede da sua escola de movimento, localizada nos arredores de Berlim.

Essa experiência teve grande contribuição para a construção de uma visão que relaciona a prática de movimento e o espaço público urbano de maneira mais íntima. Dentro dessa perspectiva, o estudo do movimento ao mesmo tempo é estimulado pela disponibilidade de espaços livres de qualidade e encoraja a criação de consciência sobre a importância desses espaços. Tal tese é defendida no trabalho de Carvalho e Pereira (2008), da Universidade do Porto e em Berlim tive a oportunidade de percebê-la na prática.

A capital alemã localiza-se em um território predominantemente plano e conta com extensa malha metroviária e de trens de superfície compondo seu sistema de mobilidade urbana. Isso possibilita boa conexão entre os diferentes setores da cidade através da integração entre modais e ademais, contribui para uma série de fatores que fazem da capital alemã uma cidade grande e com boa acessibilidade.

Além da ampla disponibilidade de espaços públicos abertos como parques, praças, largos e jardins, outra característica relevante no contexto de Berlim refere-se à qualidade desses espaços. Eles estão frequentemente bem desenhados e contam com boa infraestrutura para que a população desfrute de seu tempo passando ou permanecendo neles.

No caso de Joseph Bartz, tudo isso permite que aulas coletivas ao longo do ano sejam ministradas em espaços públicos na região central de Berlim. Tal fato inclusive teve influência na decisão tomada em agosto de 2020 de suspender as atividades na sede física da escola, sem que isso significasse a interrupção de suas funções ou prejudicasse as práticas em grupo. Bartz, em entrevista a Jan Dimog (DIMOG, 2016, tradução nossa), afirma que

"engajar-se no movimento é como redescobrir a cidade. Para ele, a cidade passa a ser um grande espaço de descobertas, repleto de ferramentas, dispositivos, possibilidades".



Mapa de área central da cidade com espaços públicos verdes/de lazer e espaços utilizados nas aulas em Berlim.
Fonte: autora, sobre base do Google Maps.

LEGENDA

- espaços públicos verdes/de lazer
- espaços utilizados nas aulas

Levando em consideração a diferença de escala entre Berlim e Florianópolis, é possível identificar uma disparidade na disponibilidade de espaços verdes e de lazer nas áreas centrais de ambas as cidades. Esse fato e as condições de acessibilidade, associadas à topografia e ao sistema de mobilidade de cada um dos lugares, apresentam-se como condicionantes para a realização de práticas como a de movimento em locais públicos. Além disso, outro fator de influência é de ordem cultural.

Para os habitantes de Berlim, as mudanças climáticas e intempéries representam um menor empecilho para a realização de atividades externas.



Movimento no Velódromo, em Berlim.
Fonte: Joseph Bartz Training



Treino no Velódromo, em Berlim. Fonte: Joseph Bartz Training



Registro de Joseph Bartz em um treino no Velódromo (letra "c", no mapa), em Berlim. Fonte: Jan Dimog



estudo de caso: Mutama - Florianópolis

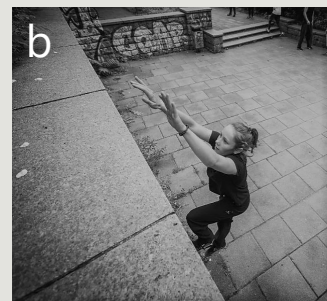


Mapa da área central da cidade com espaços públicos verdes/de lazer e espaços utilizados pela Mutama.

Fonte: autora, sobre base do Google Maps.

LEGENDA

espaços públicos verdes/de lazer ■
espaços utilizados pela Mutama ●



Além disso, há uma diferença na compreensão do significado do que é "público." De maneira geral, lá se demonstra maior familiaridade com atitudes como realizar atividades físicas, tomar banho de sol, dançar, usar roupa de banho no espaço público.

Como consequência, essa maneira de se relacionar com o meio urbano gera um maior reconhecimento da produção de cultura e arte de rua. Comparativamente ao lado de cá, no Brasil existe um olhar que carrega preconceito quando se determina que atividades serão socialmente aceitas e valorizadas quando realizadas na rua.



Anotações após visita a The School.

Fonte: autora



Desenho da fachada da Mutama.

Fonte: autora



Registro de Vinicius Port em prática na Joaquina - Florianópolis.

Fonte: Bolivar Alencastro

Florianópolis é uma cidade que possui altimetria bastante variada. Na configuração de seu território há desde áreas de planícies inundáveis até morros separando bairros inteiros. Em termos de mobilidade urbana, os deslocamentos são realizados majoritariamente por automóveis particulares e por linhas de ônibus, as quais possuem problemas de integração e de priorização viária. A infraestrutura cicloviária na área central da cidade tem recebido investimentos, embora ainda não chegue a caracterizar uma malha concisa. O relevo acidentado e o traçado viário com pouca conectividade, no entanto, seguem constituindo-se como grandes limitadores para os deslocamentos a pé ou de bicicleta.

Esses são elementos que fazem com que Florianópolis tenha sua ocupação configurada de forma bastante dispersa, com longas distâncias entre bairros. Na área central, por outro lado, onde o adensamento é mais intenso, a acessibilidade não chega porque ainda carece de planejamento e obras que permitam qualificar e conectar melhor os espaços.

De acordo com Vinicius Port (2020) em entrevista verbal concedida à autora, o fator da acessibilidade foi um limitante em situações nas quais a Mutama, escola localizada no bairro Trindade, organizou eventos em espaços públicos da ilha. As aulas regulares de diversas disciplinas, que buscam trazer perspectivas do estudo do movimento para o processo de aprendizagem, são oferecidas pela escola diariamente em suas dependências. Além disso, a escola realizou no passado alguns treinos abertos à comunidade aos finais de semana. Nessas ocasiões os horários de ônibus eram escassos e a alternativa encontrada era combinar caronas com quem pudesse dirigir-se ao local de carro. Também havia a formação de grupos para incentivar um deslocamento mais seguro de bicicleta.

Os fatores de socialização e compartilhamento sempre foram tidos como pilares dentro do modelo de ensino praticado pela escola em questão. Em sua fala, destacada ao lado, Vinicius menciona o incentivo a esses fatores e a busca de estímulos diferentes oferecidos pela mudança de ambiente como motivadores da estruturação dos eventos em espaços públicos.



Registro do evento "Acrotreino" da Mutama no Parque da Luz.

Fonte: Sabrina Stahelin

"(...) quando a gente vai num lugar desses (espaço público) e existe essa troca, a nossa prática semanal fica muito mais fácil. Ela ganha um objetivo a mais, pois não é só aquela coisa de eu cuidar da minha saúde, de eu olhar pra mim e estar num lugar meditativo. Esse aspecto social da troca é muito forte, e é muito forte até para a tua intenção na prática." (PORT, 2020)

A relação entre os trabalhos realizados pela equipe de Joseph Bartz, em Berlim e pela Mutama, em Florianópolis com os espaços públicos das respectivas cidades está permeada por elementos ou motivações em comum, ainda que esses possam ter pesos distintos em cada um dos contextos. Estes elementos são o estudo, o compartilhamento e a sociabilidade, e todos os três são importantes para a conceitualização do projeto de uma praça para o movimento em Florianópolis.

uma metodologia para o estudo do Movimento

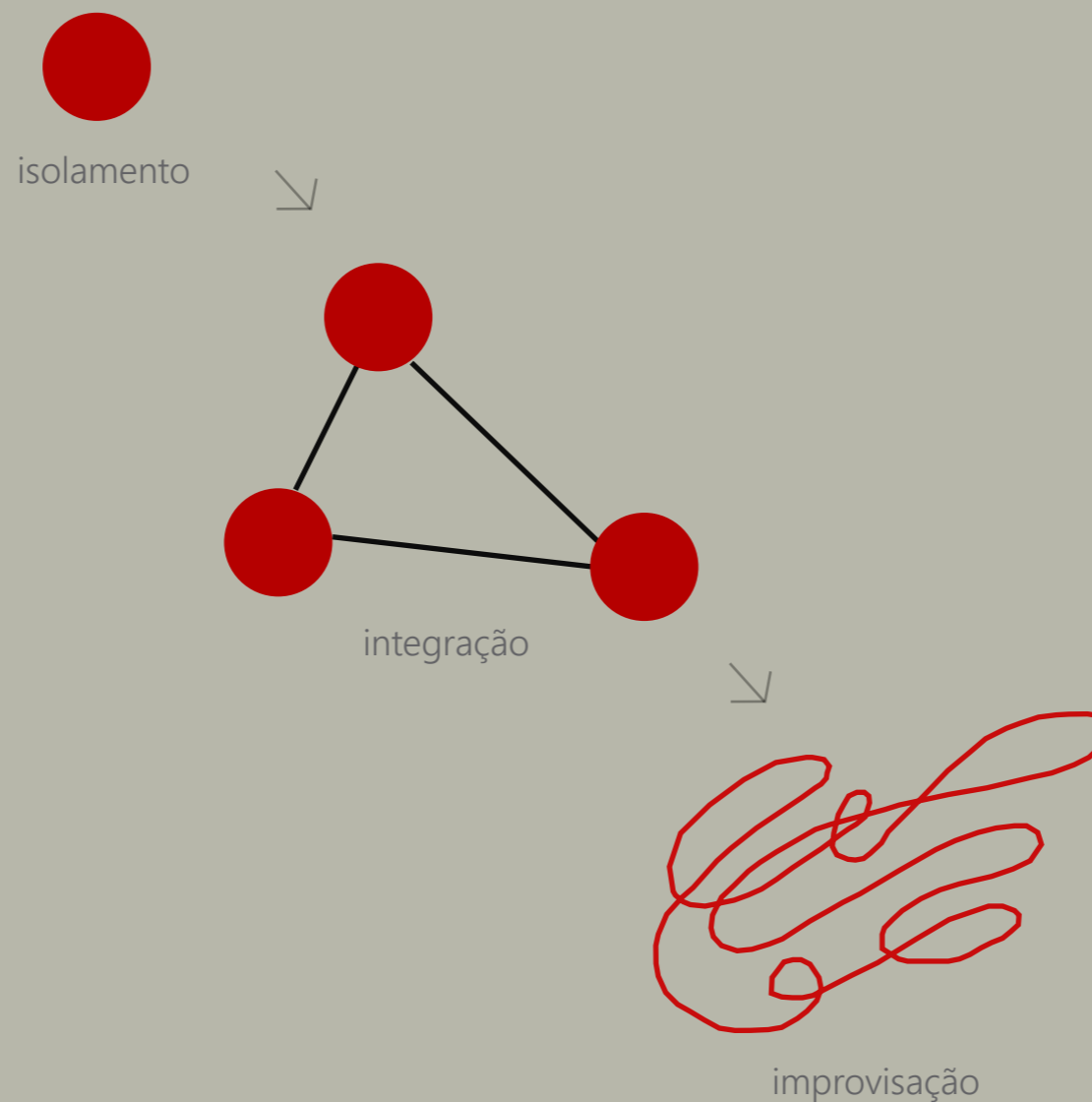
Existem pontos comuns entre alguns processos que permeiam o estudo do movimento e a "teoria da resolução de problemas complexos" descrita por Marvin Minsky em sua obra intitulada *Sociedade da Mente* (1986, p. 74). Essa teoria se pauta no estabelecimento de uma ordem crescente de complexidade para o desenvolvimento de um processo de aprendizagem de um tema específico.

Em uma das abordagens possíveis para o ensino do movimento, amplamente difundida pelo professor e pesquisador Ido Portal, são estabelecidos padrões mínimos de qualidade no desempenho de uma tarefa que, quando satisfeitos, sugerem o avanço para a etapa seguinte, como ilustra a imagem ao lado. Este TCC se inspira nessa divisão em etapas com nível crescente de complexidade como estratégia metodológica para a concepção do desenho urbano ao que se propõe.

Dentro dessa metodologia, o estágio da "improvisação" aparece como a última fase dentro de um processo de estudo. Portanto, um desempenho que satisfaça os parâmetros pré-estabelecidos para essa etapa sugere o "domínio" do movimento em questão.

A improvisação é uma ferramenta didática que pode ser alusiva à situação real onde o movimento acontece. Ele está presente diariamente em nossas vidas dentro de um contexto de caos e de jogo, onde o corpo é constantemente demandado a reagir e adaptar-se.

O estudo do movimento permite que esse corpo aprenda vocabulário, forme frases e, como objetivo principal, se expresse nesse contexto caótico e improvisado com a máxima liberdade dentro de suas limitações.



Reprodução de esquema difundido por Ido Portal em redes sociais. Fonte: Facebook.

Apesar da alusão entre o movimento real e espontâneo e a fase da *improvisação*, não há aqui uma pretensão em negar ou desvalorizar os movimentos que aconteçam de maneira isolada ou integrada. Os padrões de movimentos "coreografados" ou automatizados mais básicos no nosso dia-a-dia, que são realizados diariamente, como escovar os dentes, amarrar sapatos, descer as escadas, são importantes e servem de base para a fluidez e eficiência ao longo de uma jornada.

Dessa mesma maneira são vistas as formas racionalizadas de interação com o espaço urbano. Elas permitem aos usuários estabelecer pontos de referência, vínculos de identidade, realizar deslocamentos eficientes, otimizar a utilização de recursos econômicos e de tempo. No entanto, este trabalho não se pauta na ideia de que essa deveria ser uma lógica absoluta dentro da cidade.

Através deste TCC, que culmina no desenvolvimento do projeto de uma praça, proponho um olhar sobre a utilização da cidade a partir da perspectiva do improviso. Onde fluir pelo espaço é importante, mas é possível trilhar inúmeros caminhos diferentes; o ritmo não precisa ser rápido o tempo todo e você não está somente interessado em se deslocar do ponto A para o ponto B. Esse olhar sugere uma mudança do tipo de relação com o espaço público urbano, que se pauta na interatividade entre o corpo e o espaço e no rompimento da barreira entre a passagem e a permanência.

A ideia de improvisação pelo espaço urbano pode ser relacionada com o conceito de errância discutido por Paola Jacques. Em *"Elogio aos errantes"* (2012) a autora ressalta o poder de transformação dos espaços a partir dessa perspectiva, que permite aos usuários criarem sua própria cartografia através da reinterpretação de usos de locais já conhecidos, ou da experiência em lugares novos por meio de caminhadas sem percurso definido. A crítica ao urbanismo em Jacques remete-se a teorias antecessoras à sua, como a situacionista e a tropicalista, dialogando, respectivamente, com o trabalho de Guy Debord e Helio Oiticica.

A autora destaca como características da errância o "perder-se", onde: "o errante (...) busca conseguir se perder mesmo na cidade que mais conhece, ao errar o caminho voluntariamente e, através do erro – e da errância que esse erro provoca –, realizar uma apreensão ou percepção espacial diferenciada da sua própria memória local." (p. 276). Além disso, Jacques defende uma atuação ativa do corpo na cidade que está ligada ao conceito desse trabalho.

O vídeo a seguir ilustra uma prática de improvisação dentro da temática de Terminologia de movimento. Nela está sendo trabalhado o vocabulário da coluna, num exercício de *closed system flow* (fluidez em um sistema fechado). O objetivo é conseguir um movimento fluido e contínuo, restringindo-se à utilização de 6 variações de movimentos da coluna: círculos em 3 planos de orientação (transversal, sagital e coronal) e 3 ondas dentro desses mesmos planos. As combinações possíveis são muitas.

Essa filmagem inaugura uma série de "vivências espaciais" que compõem o material gráfico desse trabalho, e pode ser acessada através do escaneamento do código abaixo. Diferente dos demais vídeos dessa série, este foi gravado na Universidade Federal de Santa Catarina. No departamento onde minha jornada na Arquitetura e Urbanismo começou.



ESCALA 2: Centro/coluna

Ao entrar na seguinte escala de análise discutida por esse trabalho, passa-se também a uma nova escala de analogia entre a arquitetura e o movimento.

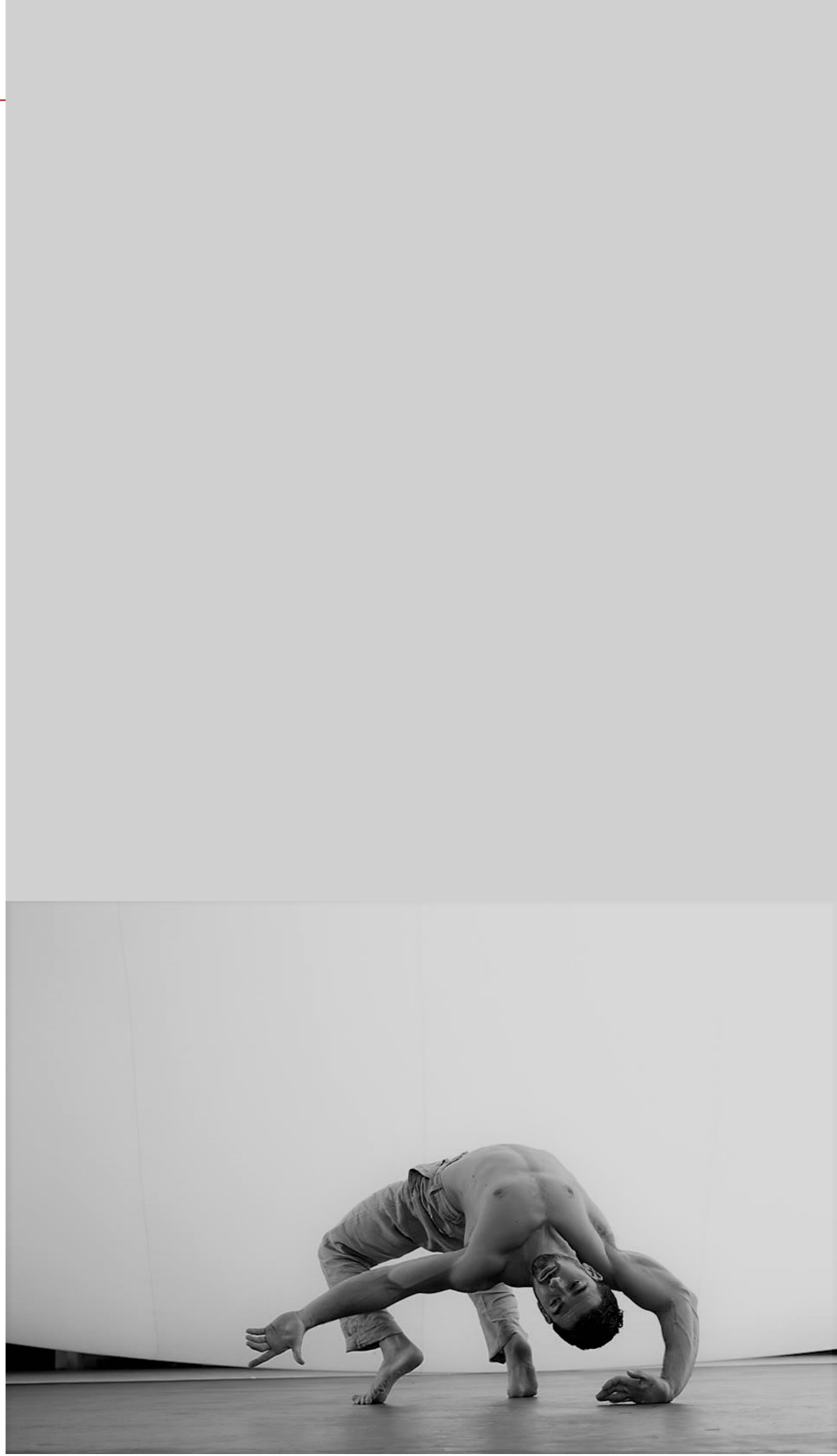
Consideramos, a partir desse momento, que para esse trabalho o corpo - em constante movimento - se trata da cidade de Florianópolis.

Entendendo-se a coluna como peça-chave para a organização do corpo humano no espaço, dentro do estudo do movimento, frequentemente investe-se tempo no trabalho de mobilidade dessa estrutura. Busca-se sensibilizá-la, estimulá-la em ângulos e planos variados e construir vocabulário que possibilite ampliar as formas de movê-la.

O vídeo a seguir mostra o professor Ido Portal, uma grande referência no estudo do movimento, explorando possibilidades variadas de mover seu corpo que fazem o papel fundamental da coluna vertebral ser especialmente perceptível.



Imagem de Ido Portal em movimentação com papel protagonista da articulação da coluna. Fonte: Antranik Kizirian



2.1

conectividade

Em Florianópolis, o bairro Centro cumpre para a cidade um papel parecido ao da coluna para o corpo humano.

Assim como a coluna conecta as extremidades ao centro do corpo, o bairro Centro se conecta às demais porções, tanto da ilha, quanto do continente, através do sistema de mobilidade.

Essa conexão é atualmente realizada por um sistema de mobilidade composto principalmente por terminais e pontos de ônibus e por vias para carros. Apesar dos recentes esforços realizados no sentido de ampliar a malha cicloviária e a caminhabilidade no Centro, entende-se que muitos avanços ainda necessitam acontecer dentro desse tema.

Se o recorte de estudo selecionado e representado no mapa a seguir representa uma parte da coluna vertebral, cada um dos espaços públicos assinalados são entendidos como se fossem vértebras.

Para que tudo possa funcionar bem, as vértebras operam em conjunto, e dessa mesma maneira imagino que os espaços públicos aqui mencionados poderiam ser melhor aproveitados por seus usuários. Para tal, as diretrizes urbanas propostas para esse recorte incluem uma estruturação onde os espaços públicos/verdes sejam bem conectados. Destacam-se, nesse sentido, quatro principais eixos conformados pela Av. Hercílio Luz, R. Felipe Schmidt, Av. Beira-Mar Norte, e Av. Ivo Silveira-Ponte Hercílio Luz, que possibilitam a ligação por meio de ciclovias e uma rota caminhável principal.

A escolha do recorte se baseia nos espaços públicos nele contidos. São, no total, 9 espaços localizados na porção a oeste da praça XV de Novembro, mais o Parque de Coqueiros, no Bairro de Coqueiros. Este último foi incluído por sua grande dimensão, sua intensa utilização e por sua localização, no sentido de fortalecer a conectividade do centro de Florianópolis com o continente numa escala caminhável. Estes espaços se fizeram presentes na primeira fase de investigação deste trabalho, que foi permeada por vivências espaciais.

mapa do recorte de estudo



escala: 1:12500

LEGENDA

- polígono central
- eixos de conexão
- espaços públicos verdes/de lazer
- praça pio xii
- instituições de educação
- ▲ pontos nodais
- plano diretor - AMC
- plano diretor - ARM
- plano diretor - ARP
- plano diretor - ACI

Definição das macro áreas de usos urbanos do plano diretor aqui destacadas:

AMC - Área Mista Central: de alta densidade, complexidade e miscigenação, destinada a usos residenciais, comerciais e de serviços;

ARM - Área Residencial Mista: caracterizada pela predominância da função residencial, complementada por usos comerciais e de serviços;

ACI - destinadas a todos os equipamentos comunitários ou aos usos institucionais, necessários à garantia do funcionamento satisfatório dos demais usos urbanos e ao bem estar da população;

ESPAÇOS PÚBLICOS

- 1 parque de coqueiros
- 2 mirante hercílio luz
- 3 parque da luz
- 4 largo do fagundes
- 5 largo da alfândega
- 6 escadaria do rosário
- 7 praça fernando machado
- 8 praça pereira oliveira
- 9 praça getúlio vargas
- 10 praça da av. hercílio luz

EDUCAÇÃO

- A IFSC campus florianópolis - continente
- B colégio catarinense
- C colégio menino jesus
- D colégio estadual henrique stodieck
- E biblioteca pública de santa catarina
- F EEB lauro muller
- G colégio coração de jesus
- H instituto estadual de educação
- I IFSC campus florianópolis - mauro ramos

PONTOS NODAIS

- J forte sant'anna
- K terminal rita maria
- L terminal de integração do centro - TICEN
- M complexo nego quirido
- N parque dias velho
- O catedral e praça XV de novembro

vivências espaciais

Estas vivências se tratam das práticas de movimento que realizei no centro de Florianópolis no momento em que definia o recorte e buscava o terreno para a proposta de intervenção. Elas integravam minha rotina diária de práticas/treinos, mas além disso, também tinham o caráter exploratório possibilitado por passar um tempo em um espaço, observar como é utilizado, interagir com o solo, degraus, mobiliário, observar as sensações de comodidade, desconforto, exposição, proteção, vulnerabilidade que isso me provoca e parece provocar nos demais usuários do espaço..

Os QR codes que seguem direcionam a três capturas realizadas na atual praça Pio XII, no dia 10 de dezembro de 2020, por volta das 14 horas.



No vídeo 3 se observa o movimento em ambos sentidos da rua Felipe Schmidt e em menor medida, pela rampa de acesso à praça. Já no vídeo 4, é possível observar a configuração e intensidade do fluxo que atravessa a praça longitudinalmente.

No vídeo 5 identificam-se duas formas distintas de deslocamento que contrastam. Em uma possível interpretação desse material, a coexistência dessas linguagens de movimento revela espaço para a diversidade e para a subversão da utilização tradicional de uma praça. Além disso, é possível perceber a influência gerada pela inserção de um elemento novo nesse ambiente. A existência de uma pessoa movendo-se pelo chão em sentido transversal ao principal fluxo típico no local sugere alterações e faz florescer novos percursos de pedestres.

subutilização de espaços públicos

A oferta de espaços públicos existe em razoável concentração no Centro de Florianópolis. No entanto, ao olharmos com mais atenção para o recorte de estudo e para a qualidade dos espaços públicos nele contidos, é possível perceber como é comum a falta de infraestrutura, manutenção, e segurança nesses locais. Esses são fatores que influenciam diretamente no nível de utilização e refletem a realidade de que a maioria das praças e parques no centro não representam grandes atrativos para a população.

pluralidade e diversidade

Há, no entanto, uma série de características positivas relacionadas à configuração dessa porção do Centro onde está localizado o recorte que potencializam sua utilização e justificam o desejo de intervenção nele.

Dentre essas características é possível citar a combinação entre alta densidade, multiplicidade de usos e caminhabilidade - conseguida pelos calçadões e ruas compartilhadas - além da localização com relação ao Terminal de Integração do Centro (TICEN). Isso proporciona a convivência entre diferentes estratos sociais nessa porção do Centro em específico, que como consequência, gera um ambiente bastante vivo e plural. O Centro, dessa forma, é palco para a expressão simultânea das virtudes e também dos conflitos da diversidade urbana.

norteadores do desenho

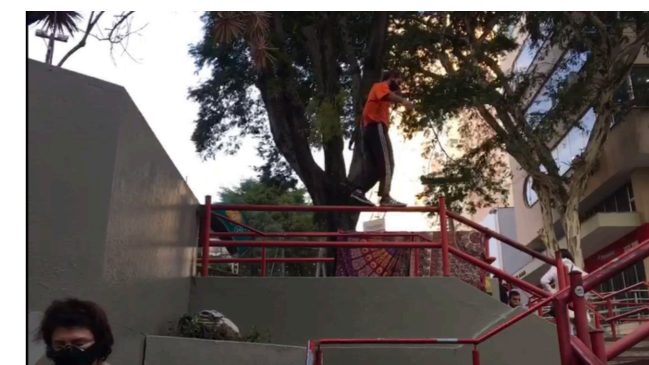
Os vídeos a seguir contêm mais registros da série de vivências espaciais realizadas pelo recorte de estudo e ilustram algumas formas em que se dá a interação entre uma prática de movimento e o entorno urbano.



Neles é possível notar que para o movimento acontecer não é necessária nenhuma estrutura ou material específico ou especialmente concebido para tal. Além do próprio corpo, podem ser utilizados objetos simples como uma bola de tênis ou um pedaço de madeira, de modo que a prática pode adaptar-se facilmente às qualidades disponíveis no ambiente urbano.

Com isso, entendo que um desenho de qualidade possa expandir as possibilidades de utilização de uma praça, pensando no movimento, mas também em seu papel enquanto local público e aberto. Procuo explorar no projeto conceitos gerais como: fluidez, conectividade, interatividade, diversidade e proteção *versus* exposição para favorecer sua apropriação. Ao mesmo tempo, não me baseio em um programa que suponha de formas muito rígidas a maneira como o espaço desenhado será utilizado, já que a ideia é conseguir ser abrangente.

Embora o objeto final deste trabalho - o desenho da praça - sugira um isolamento hipotético de uma das vértebras do que representa sua coluna, é importante deixar claro que esse espaço é entendido como uma das partes de um todo. Na prática, entende-se que ele mereça ser estudado e planejado a partir de uma escala de abrangência maior que a sua própria.



Prática de movimento na escadaria da av. pref. osmar cunha.
Fonte: acervo da autora.



Prática de movimento na praça da alfândega.
Fonte: acervo da autora.



Prática de movimento na praça fernando machado.
Fonte: acervo da autora.

ESCALA 3: praça/vértebra

3

A escolha do terreno do Largo do Fagundes para a intervenção projetual não o coloca como mais ou menos relevante que os demais espaços públicos componentes do recorte estudado. Por outro lado, se justifica pelo fato de que esse local, por sua localização, histórico e utilização, condensa as principais características relacionadas à conectividade e diversidade destacadas pela leitura urbana na escala do recorte. Além disso, entende-se que este espaço atualmente está organizado com base em um desenho que o fragmenta e lhe confere um papel na dinâmica urbana do centro muito aquém daquele representado pelo fortalecimento de suas reais potencialidades.

O QR Code a seguir leva a um vídeo do YouTube que ilustra uma caminhada pela atual praça Pio XII.



Vista panorâmica da atual configuração espacial do Largo do Fagundes. Fonte: Floripa Centro



histórico

O Largo do Fagundes está localizado entre as ruas Felipe Schmidt e Tenente Silveira, e seu histórico está relacionado com as origens da cidade de Florianópolis. Ele teve papel no abastecimento de água da cidade, que durante os séculos XVIII e XIX ocorria através do Rio da Bulha e de fontes próximas ao Centro. No Largo do Fagundes localizava-se a chamada "fonte de Ramos" ou "da Carioca".

Além disso, o Largo abrigou diversos usos ao longo do tempo, como o de um gerador de energia, uma unidade de atendimentos médicos, ponto de táxis e palco para comícios políticos, como registra a capa de edição do jornal "O Estado" de setembro de 1954.



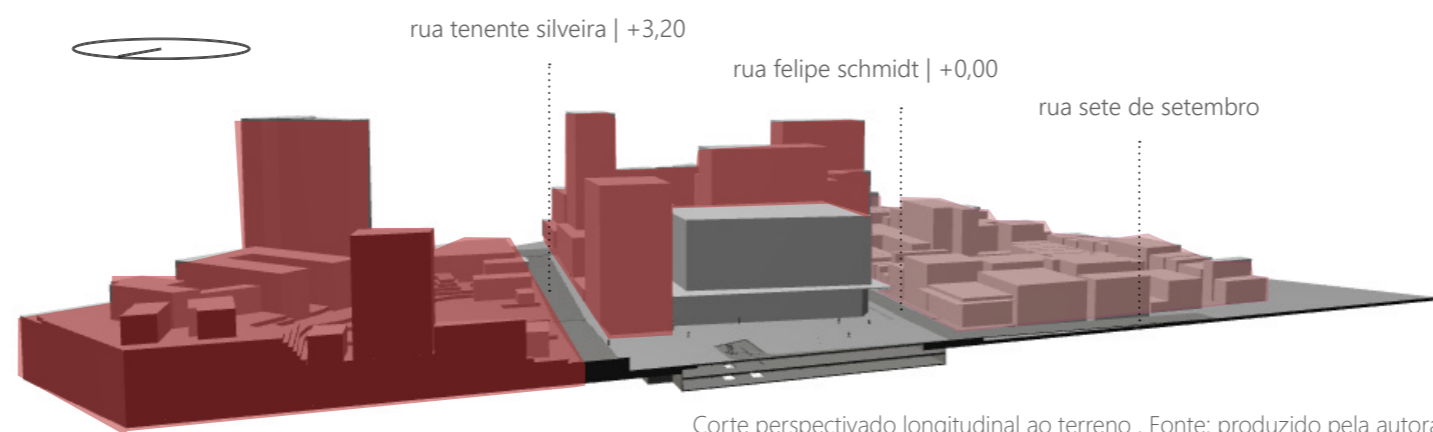
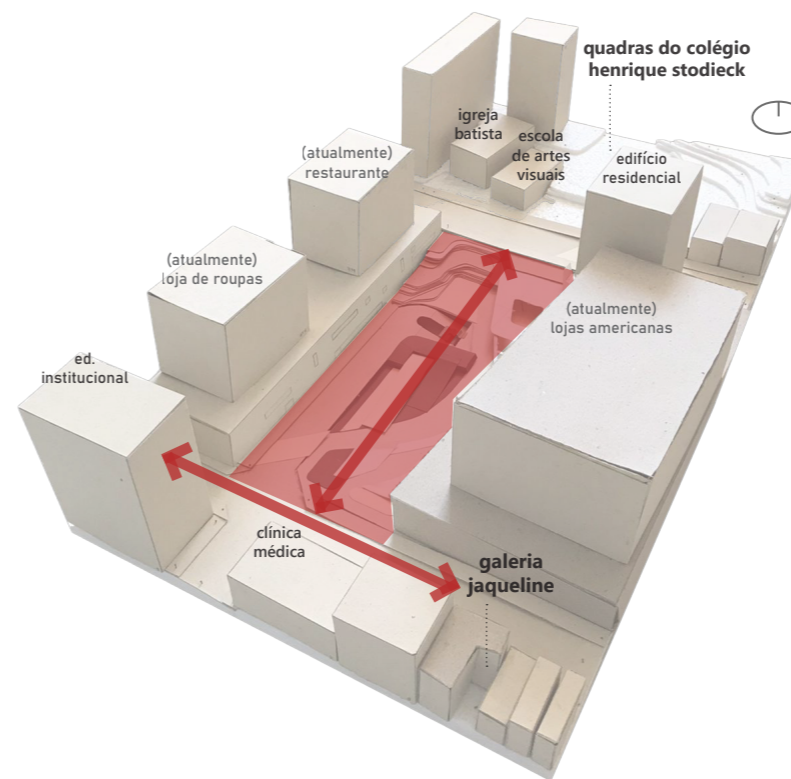
A partir do século XX e até a década de 1980 funcionou ali o primeiro terminal de ônibus da cidade, de onde partiam linhas que atravessavam a ponte Hercílio Luz em direção ao Estreito, São José, Biguaçu e Palhoça. A construção da Praça e do estacionamento Pio XII datam do ano de 1997 e ambos foram projetados pelo escritório Mantovani e Rita Arquitetura. O estacionamento é de iniciativa privada e tem um contrato de concessão com a prefeitura até 2027. Seu acesso se dá pela rua Felipe Schmidt e tem espaço para 205 carros estacionados.



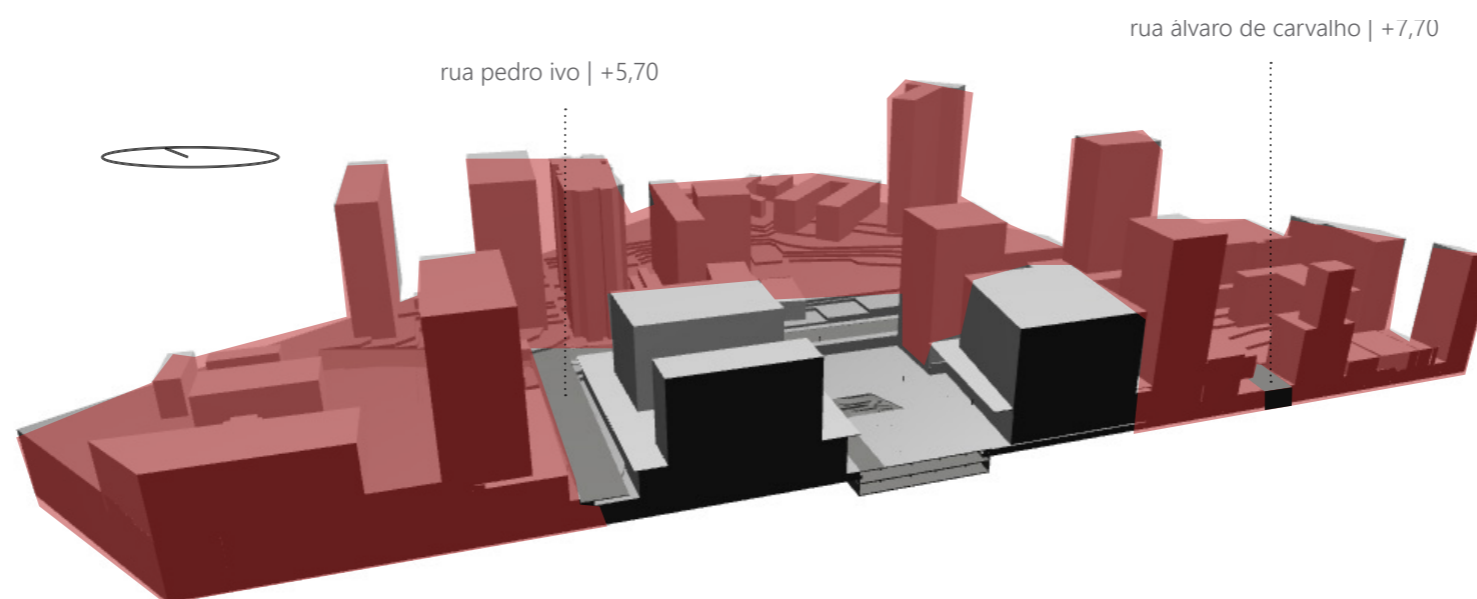
Imagens históricas do Largo. Fonte: Portal Floripa Centro.

conectividade, diversidade e subutilização

O papel de conectividade deste espaço, para além da proximidade com o Terminal de Integração do Centro, é reforçado pelas características do relevo no seu entorno. Além disso, esse entorno reproduz a diversidade de usos característica da porção do centro onde está inserido. Esta característica está presente no dia-a-dia da praça, através de múltiplos perfis de usuários frequentes. Ela também está refletida na configuração volumétrica das edificações, que a norte, leste e oeste da praça têm escala maior, com predominância dos usos residencial e institucional, enquanto ao sul têm escala reduzida e concentração de uso comercial. Os esquemas a seguir ilustram a relação entre volumetria e usos no entorno do Largo do Fagundes e ressaltam as diferenças de nível entre as quatro principais vias que o circundam.



Corte perspectivado longitudinal ao terreno. Fonte: produzido pela autora.



Corte perspectivado transversal ao terreno. Fonte: produzido pela autora.

fluxos e usos existentes

No esquema ao lado, montado sobre a imagem da maquete física, destacam-se os principais eixos de circulação e os atuais usos das edificações do entorno imediato da praça. Os usos identificados com a ressalva da palavra "atualmente" referem-se aos edifícios que fazem parte do estudo de diretrizes para a ocupação do entorno da praça, que será descrito mais adiante. O destaque para as quadras poliesportivas da escola Henrique Stodieck e para a Galeria Jaqueline se devem à possibilidade de ampliação da conectividade da praça por eles conferida.

maquete física

A confecção de uma maquete física da praça e seu entorno imediato, na escala 1:200, foi motivada por conseguir uma apreensão mais profunda do espaço estudado, buscando compreender as preexistências que seriam cruciais para o desenvolvimento do projeto. Além disso, ela também representa um movimento de aproximação do corpo do processo de projeto também no momento em que a escala de trabalho começa a se reduzir.

10



4:

proposição/movimento

Na parte propositiva deste trabalho utilizo os conceitos de isolamento, integração e improvisação, apresentados anteriormente, para expor os desdobramentos do processo que resultou no desenho da praça.

A etapa de isolamento aqui corresponde à realização do exercício de "Desfixação" (TURKIENICZ, WESTPHAL, 2012), que está fundamentado no conceito de "corpo-suporte" (1986, tradução nossa) de Marvin Minsky.

Em seguida, na integração, ocorre a aplicação desse exercício no desenho da praça, em uma escala macro, que refere-se à organização espacial e definição dos elementos estruturantes do projeto, e também na mesma escala em que foi realizada a Desfixação, num emprego direto no desenho do mobiliário.

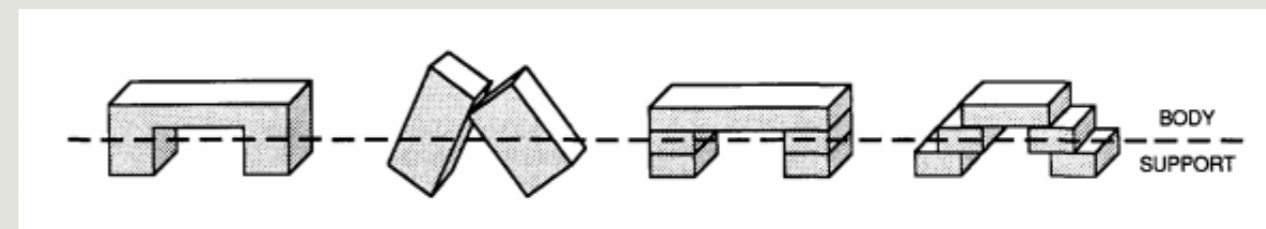
Por último, a improvisação, nesse processo de projeto, refere-se à complexa tarefa de concepção espacial, levando em consideração uma multiplicidade de variáveis que combinadas através da tomada de (várias) decisões produzem o desenho de uma praça.



Para desenhar uma praça, tendo em vista uma apropriação com base no conceito de "improvisação", foi necessário "começar do começo", ou seja, pelo "isolamento".

O conceito de "body-support" (1986), de Minsky, se pauta na ideia de que existem propriedades que relacionam objetos por semelhança e que vão além de seus aspectos formais. Ele já foi aplicado anteriormente em exercícios de ateliê de projeto de arquitetura pelos professores Turkienicz e Westphal (2012) e, por conta disso, é incorporado de forma semelhante a esse projeto.

A atividade de "Desfixação" (Op. cit.) consiste em dividir uma estrutura ou objeto nas partes que constituem seu corpo (body), que servem como instrumento direto para o desempenho de sua função, e aquelas que compõem seu suporte (support). Estas últimas representam os elementos secundários que viabilizam a atuação do "corpo" e que podem ser manipuladas. Nesse projeto, o exercício tem como objetivo conseguir um olhar mais amplo para o desenho, abrangendo maiores possibilidades de uso para o mobiliário de praça concebido com base em princípios não deterministas.



"(...) vamos olhar mais cuidadosamente para como fizemos aqueles quatro diferentes arcos parecerem o mesmo, fazendo cada um deles parecer encaixar em 'uma coisa sustentada por duas pernas'"

descrição do exercício

Partindo do menor dos elementos que mais tarde iria compor o projeto de uma praça para o movimento em Florianópolis, realizei o exercício de desfixação com peças de mobiliário urbano.

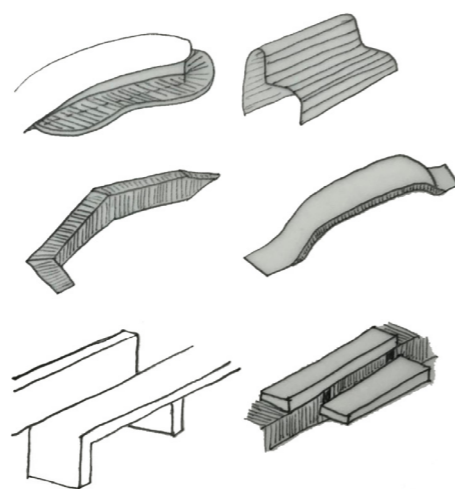
A partir de sua função mais elementar, são identificados variados modelos de cada um desses objetos. Em seguida, através de um exercício narrativo, busca-se chegar a uma descrição única que englobe todos os modelos estudados. É importante que essa descrição seja abrangente e que não se restrinja à composição física ou estética das peças, preocupando-se em entender quais são os princípios que caracterizam e regem o funcionamento do objeto. Num último momento, busca-se realizar a classificação dos elementos que compõem o corpo e o suporte do objeto, com a finalidade de entender como eles podem ser manipulados por meio do desenho. Em "Society of Mind" Minsky (1986, p. 134) refere-se a diferentes tipos de arco para exemplificar a ideia da descrição unificada. A seguir apresento o passo a passo e alguns exemplos da realização do exercício de Desfixação no contexto desse trabalho.

passo a passo da desfixação

- 1) Selecionar diversos modelos de um objeto entendido a partir de uma função elementar;
- 2) Formular uma descrição única que se encaixe para todos os modelos do objeto;
- 3) Classificar suas partes em corpo e suporte com a finalidade de entender como manipulá-las;
- 4) Desenhar outros objetos.

BANCO

FUNÇÃO ELEMENTAR
sentar-se



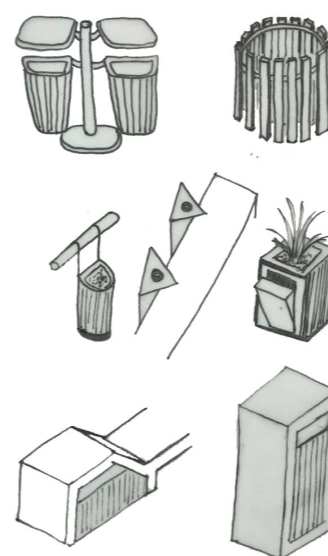
DESCRIÇÃO
superfície predominantemente horizontal associada a estrutura que a conserve em uma posição elevada com relação ao solo

BODY
superfície predominantemente horizontal

SUPPORT
apoio para os pés, apoio para as costas, apoio para os braços.

LIXEIRA

FUNÇÃO ELEMENTAR
conter o lixo



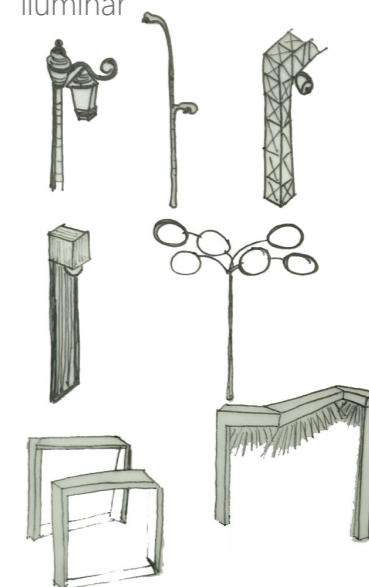
DESCRIÇÃO
objeto contendo espaço vazio que serve de recipiente

BODY
recipiente

SUPPORT
cobertura, porta, fechamentos laterais, abertura.

POSTE

FUNÇÃO ELEMENTAR
iluminar



DESCRIÇÃO
lâmpada de grande alcance voltada ao solo e suportada a uma altura elevada.

BODY
lâmpada direcionada ao solo

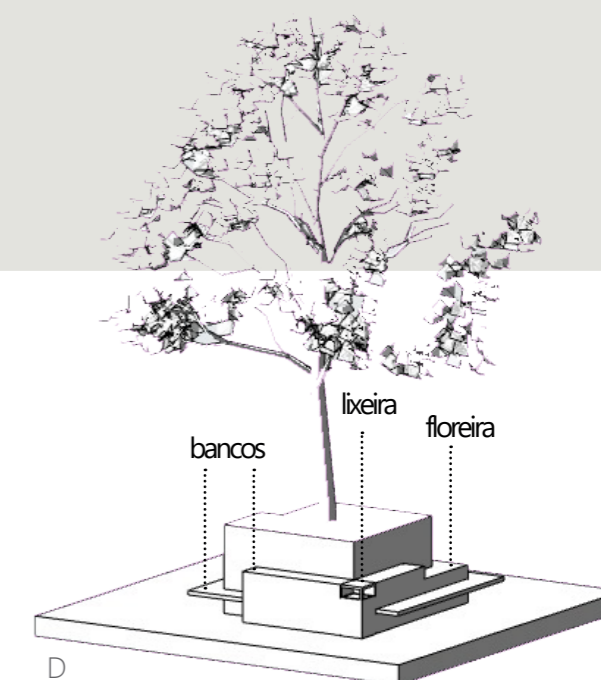
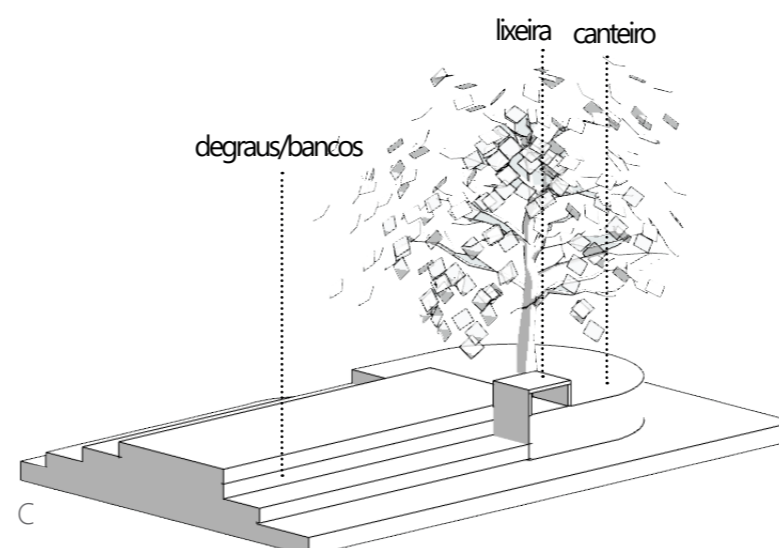
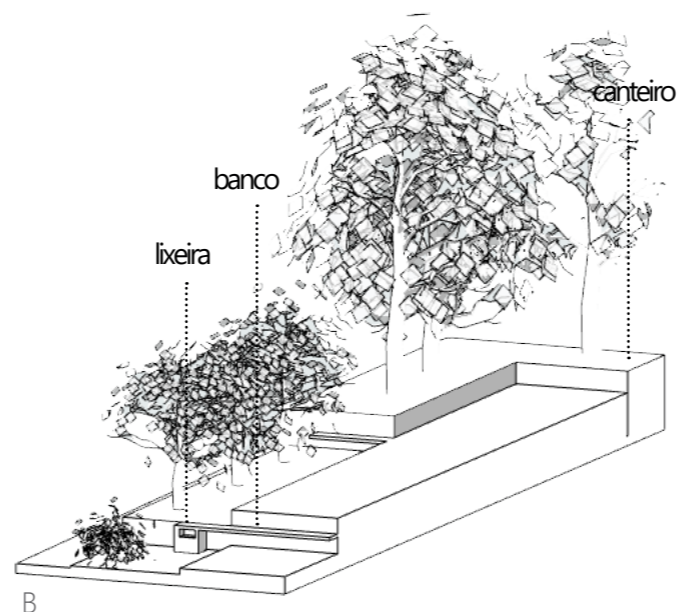
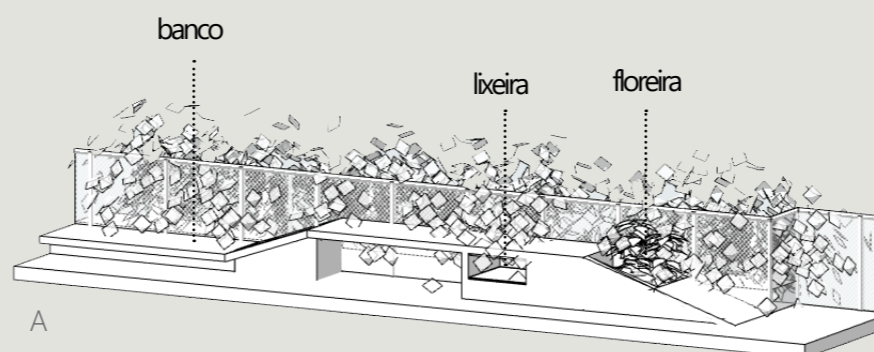
SUPPORT
estrutura que suporta a lâmpada

conclusões

Este exercício me permitiu chegar a algumas conclusões a respeito do desenho do mobiliário. Abaixo estão listadas algumas características, que quando aplicadas ao desenho, me proporcionaram uma aproximação do objetivo de conseguir um mobiliário que não restringisse as possibilidades para sua utilização. São elas:

- 1) sobreposição de funções
- 2) materialidade robusta e estimulante
- 3) combinações simples e também complexas de formas geométricas elementares.

Estas ideias mostraram-se bastante transferíveis para o processo de concepção da praça como um todo e por esse motivo tornaram-se diretrizes para o desenho do projeto.



Os exemplos ao lado são recortes isométricos extraídos do projeto e representam a aplicação da "Desfixação" diretamente no desenho do mobiliário da praça.

A. recorte de mobiliário em madeira e aplicação de vegetação junto de guarda-corpo.

B. recorte de composição com caixas de vegetação e elementos paisagísticos.

C. recorte de estrutura com degraus e canteiro com vegetação.

D. recorte de caixa de vegetação para árvore de grande porte, trabalhada com desenho de mobiliário.

integração com o entorno

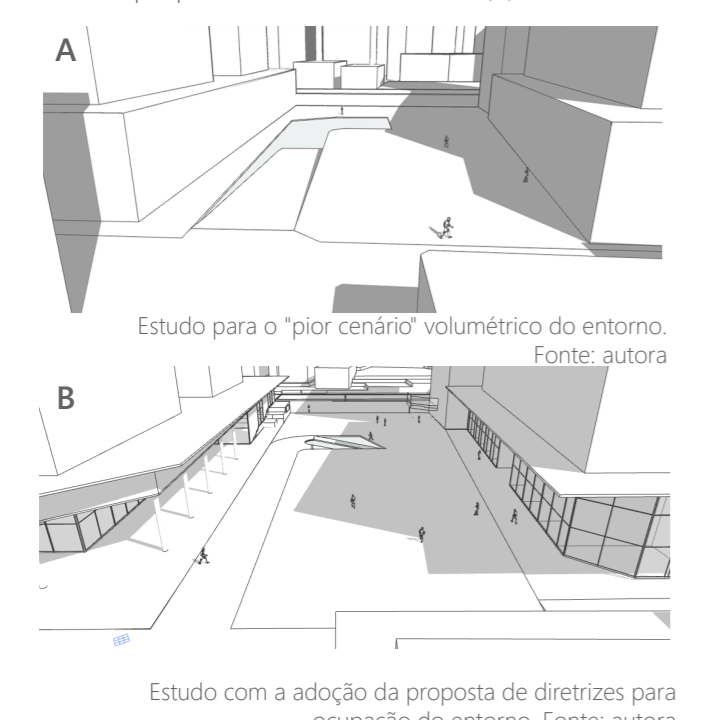
Considerando as características volumétricas do entorno imediato da praça e a tendência especulatória da ocupação do solo na cidade de Florianópolis, observou-se que as edificações localizadas imediatamente a sudeste e noroeste do terreno contam com uma alta probabilidade de substituição a curto/médio prazo.

Pelo plano diretor, esses terrenos vizinhos têm um potencial construtivo de 10 pavimentos, com 100% de ocupação no térreo e nos dois primeiros andares, e afastamento mínimo de aproximadamente 5 metros na torre.

Ainda que a ocupação tende a ser densa, entende-se que é possível qualificar a relação dos novos edifícios com o espaço público. Por isso, tendo em vista uma ocupação que favoreça e ative a praça são propostas diretrizes para a ocupação do térreo e primeiros pavimentos das edificações vizinhas. Essas propostas levam em consideração a evidente dificuldade de operacionalização existente, mas que poderia ser enfrentada com o auxílio de instrumentos da legislação urbanística.

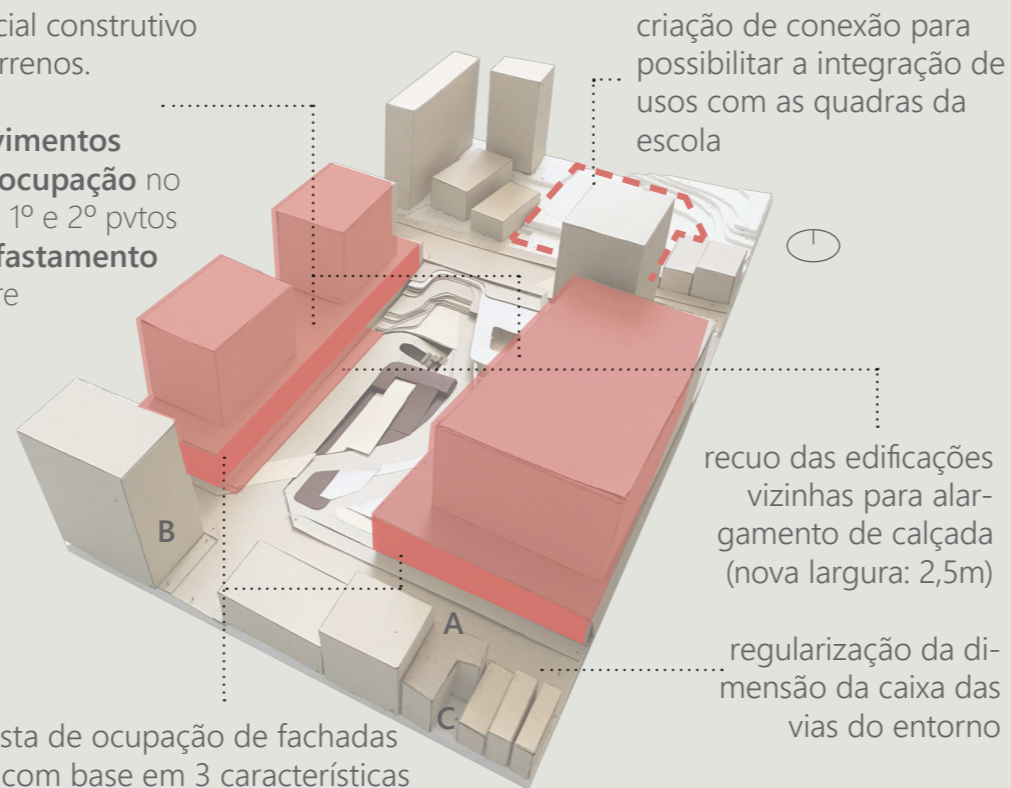
Nesse sentido, a edificação localizada a noroeste da praça é recuada, permitindo o alargamento da calçada ali existente, que passa a ter 2,5m. Trabalha-se uma configuração hipotética de fachadas ativas com uso comercial e noturno e também a criação de uma galeria que reforça a conexão com a rua Álvaro de Carvalho e com a já existente galeria Jaqueline.

As imagens abaixo estabelecem uma comparação volumétrica entre o "pior cenário" (A) e um cenário onde as diretrizes propostas fossem atendidas (B).



simulação de substituição das edificações vizinhas à praça de acordo com o máximo potencial construtivo dos terrenos.

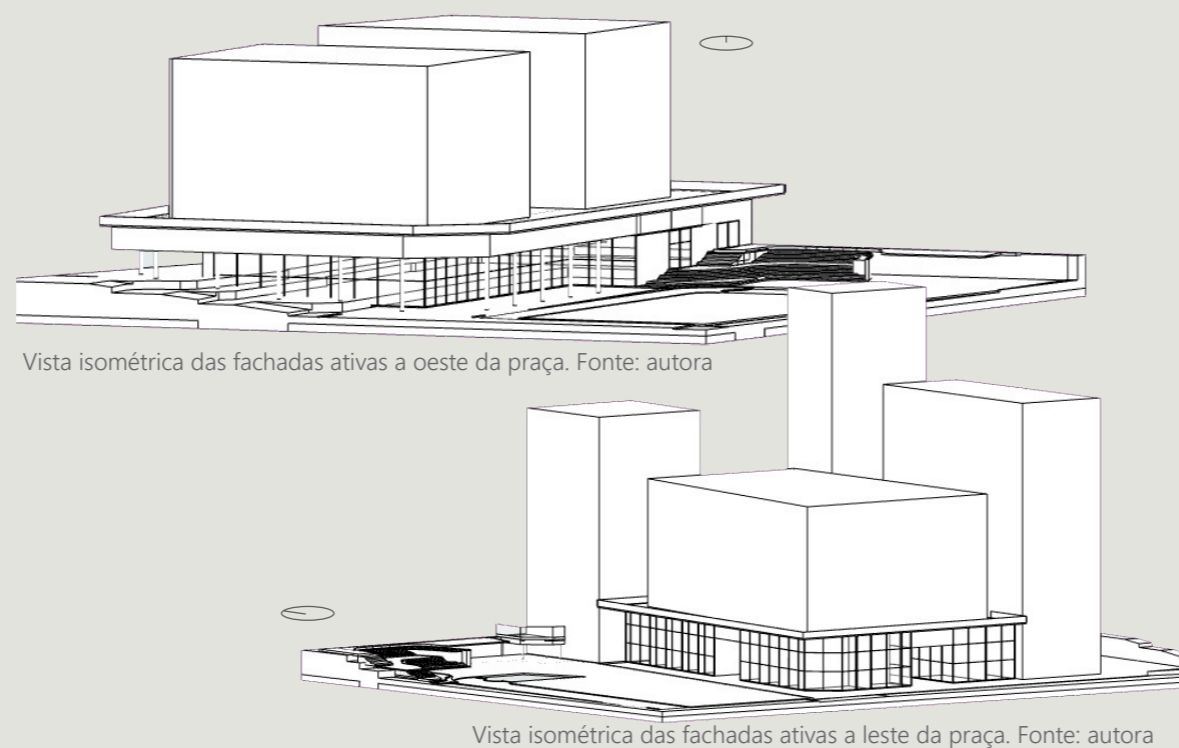
10 pavimentos
100% ocupação no térreo, 1º e 2º pvtos
5 m afastamento na torre



proposta de ocupação de fachadas ativas com base em 3 características do entorno:

- A) fachadas heterogêneas
- B) pilotis
- C) galerias

esquema de diretrizes de ocupação do entorno sobre imagem da maquete física. Fonte: autora.



proposta de ocupação das fachadas

A) fachadas heterogêneas *versus* uniformes

o uso comercial diversificado está presente nas porções da rua Felipe Schmidt e Sete de Setembro que se conectam com a praça. Ele se expressa através de uma volumetria principalmente térrea, mas com uma disposição bastante heterogênea de aberturas e de informações visuais no geral. Contrastando com essa característica, a ocupação sugerida segue uma linguagem mais limpa e uniforme.

B) pilotis

para a ocupação do térreo e sobreloja da edificação localizada a leste da praça é proposta uma configuração em pilotis, visando o estabelecimento de diálogo e a valorização da volumetria do edifício do antigo Palácio da Indústria, localizado na esquina da rua Felipe Schmidt com Sete de Setembro.

C) galerias

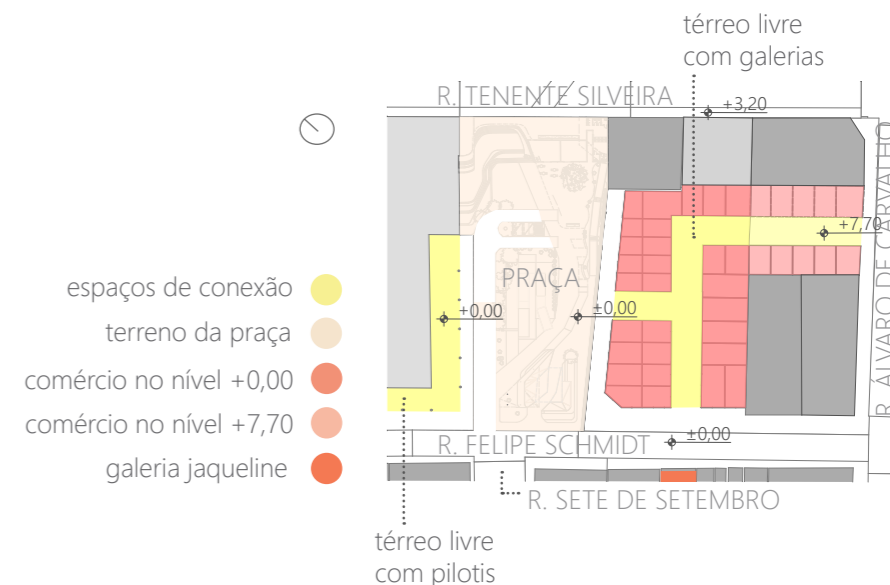
a edificação a oeste da praça, por outro lado, recebe como sugestão a instalação de galerias internas que conectam a praça com as ruas Álvaro de Carvalho e também Felipe Schmidt, criando uma continuidade com relação a outra tradicional galeria comercial já existente no local, a galeria Jaqueline.



Fachadas comerciais da rua Felipe Schmidt, com galeria Jaqueline à esquerda. Fonte: Google



Edificação em pilotis já existente. Fonte: Google Street View



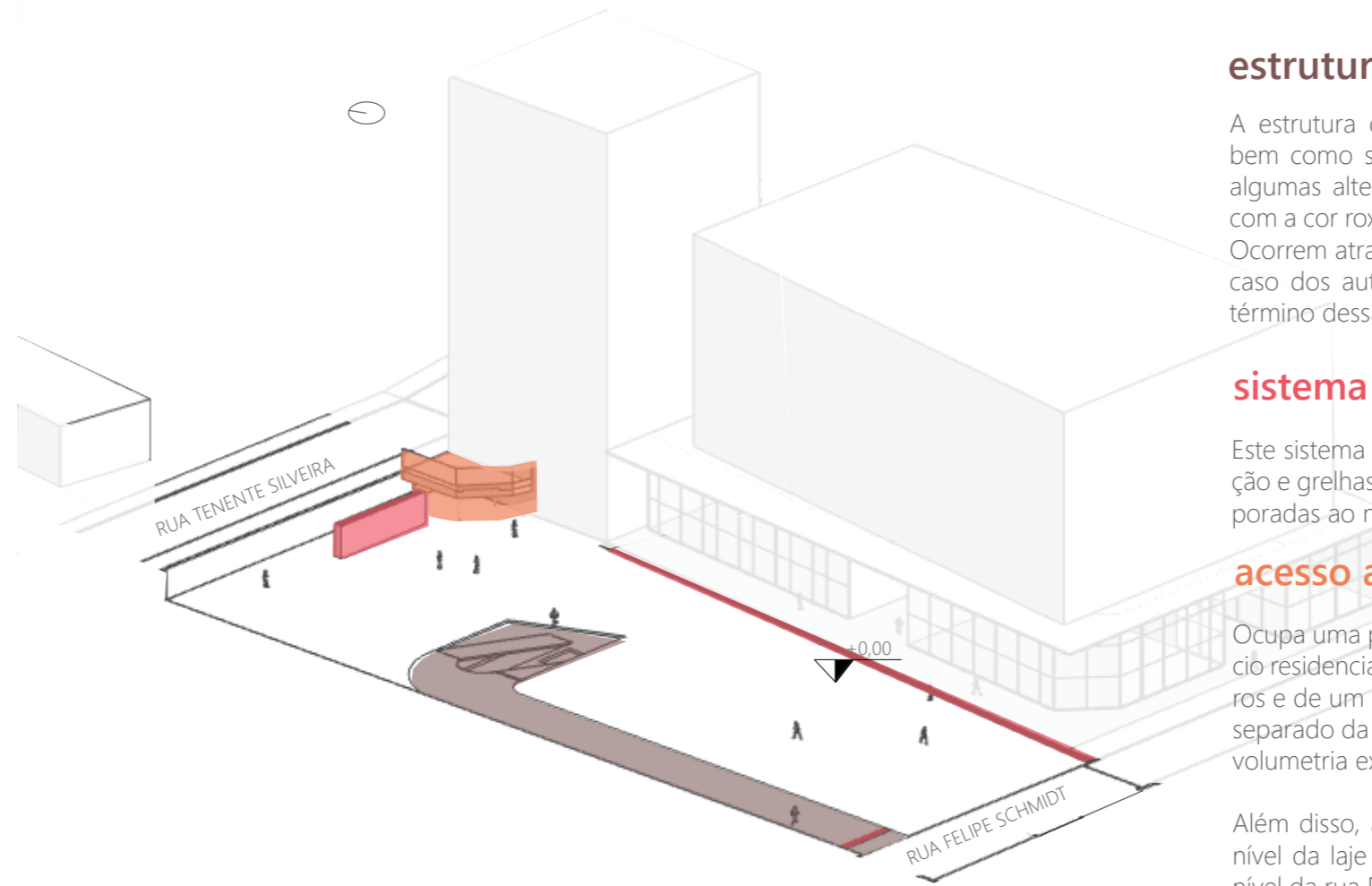
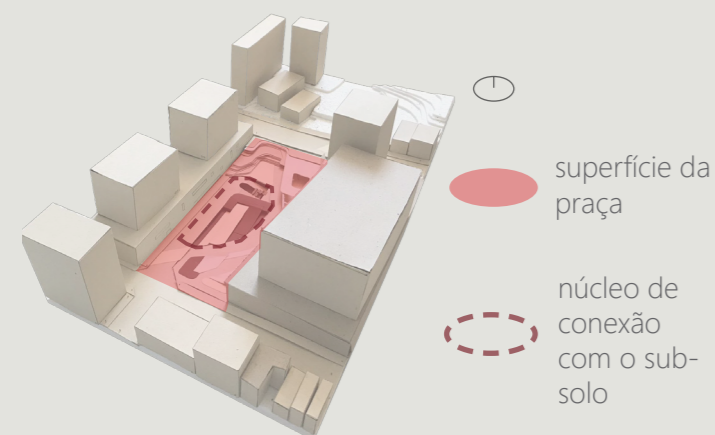
relação com as pré-existências

Por se tratar de uma intervenção sobre um projeto já existente, a etapa propositiva desse trabalho foi antecedida de um cuidadoso estudo dos desenhos originais da Praça Pio XII. O acesso às cópias físicas do projeto arquitetônico foi gentilmente facilitado por colaboradores do escritório Mantovani e Rita Arquitetura. A análise do material foi feita através de fotografias e vídeo e complementada por visitas/medições no local.

Dessa análise surgiram pontos de partida para o novo desenho da praça. Na imagem ao lado estão destacados os elementos presentes na praça originalmente e que foram mantidos no novo projeto.

relação com o subsolo

Os esquemas a seguir explicam as sugestões de alterações na organização e utilização do espaço dos pavimentos abaixo da praça. Essas mudanças representam um contraponto ao atual uso de 100% (dois pavimentos) para estacionamento de veículos motorizados, procurando integrar a essa função original, que é parcialmente mantida, a função de estacionamento de bicicletas. Entende-se que a carência atual desse tipo de estruturas no Centro de Florianópolis tende a ser reforçada com o aumento da malha cicloviária e com a construção de espaços como o proposto por esse TCC.



estrutura e acessos ao subsolo

A estrutura de estacionamento no subsolo da praça, bem como sua função, são mantidas no projeto com algumas alterações. Os acessos originais - destacados com a cor roxa no esquema - também são conservados. Ocorrem através da via pública que adentra a praça, no caso dos automóveis, e por escadarias localizadas ao término dessa via, no caso dos pedestres.

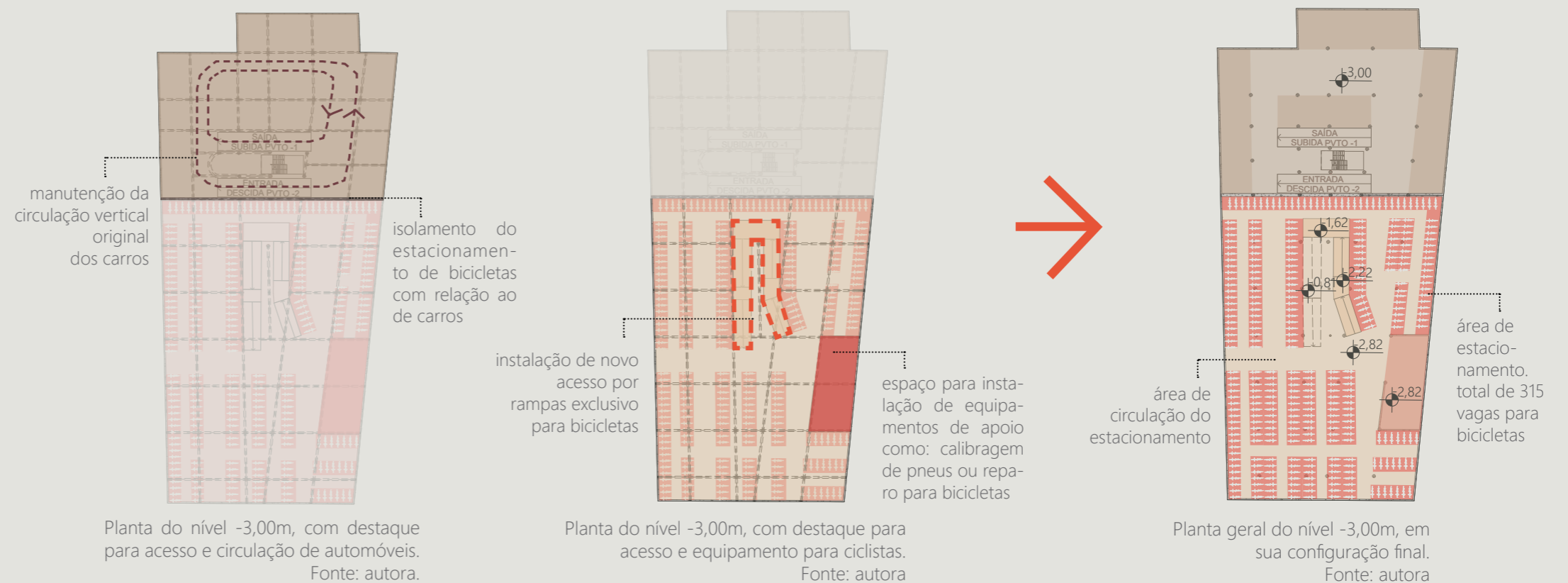
sistema de drenagem e ventilação

Este sistema está composto por uma coluna de ventilação e grelhas instaladas no piso da praça, que são incorporadas ao novo desenho.

acesso ao edifício vizinho

Ocupa uma porção ao norte da praça o acesso ao edifício residencial vizinho, por meio de uma rampa para carros e de um portão para pedestres. Seu uso se mantém separado da praça, mas existe o esforço de incorporar a volumetria existente de maneira harmônica à proposta.

Além disso, adota-se como nível original do projeto o nível da laje de subsolo acabada, que corresponde ao nível da rua Felipe Schmidt.



implantação

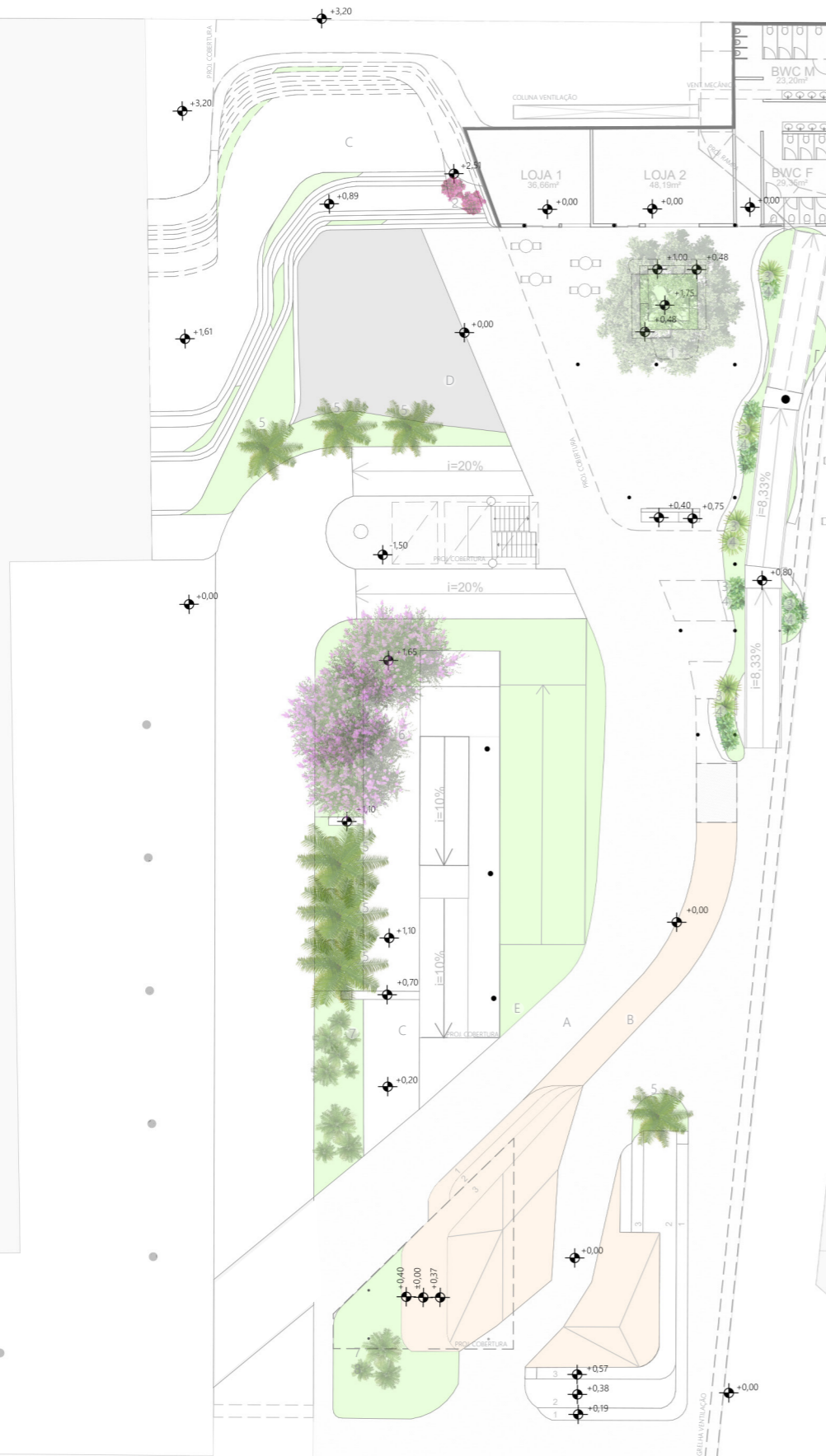


rua tenente silveira

rua felipe schmidt

planta baixa - nível inferior

rua tenente silveira | +3,20



LEGENDA

- A. piso paver cor cinza 12x20cm
- B. piso em madeira em mesmo tom da madeira laminada cruzada (CLT)
- C. piso fulget cor cinza
- D. revestimento em cerâmica extrudada cor areia
- E. canteiros com grama esmeralda ou folhagens

vegetação

1. pau-ferro
2. bougainvillea
3. caeté-roxo
4. calateia
5. butiá
6. quaresmeira
7. çica
8. estrelícia

rua felipe schmidt | +0,00



linguagem

O estudo de linguagem para o projeto baseou-se nas preexistências e nasce da combinação da linha reta com o segmento de círculo em diversas combinações, com destaque para o pronunciamento de eixos diagonais.



estudo de planos

Para a materialização do conceito do movimento no projeto da praça, exploram-se as possibilidades espaciais oferecidas por planos paralelo, perpendicular e oblíquo, em contextos isolados e também integrados.

O estudo do plano oblíquo foi inspirado por desenhos e escritos que compõem o legado deixado pelo arquiteto francês Claude Parent e seu grupo "Architecture Principe", que questiona um modo de vida estático associado à arquitetura modernista.

materialidade

A materialidade no movimento suscita interatividade e para isso, demanda certa robustez. Na exploração das texturas, tanto a sensação agradável ao tato quanto a desagradável interessam, por representarem estímulos opostos que sugerem complexidade no mover-se.

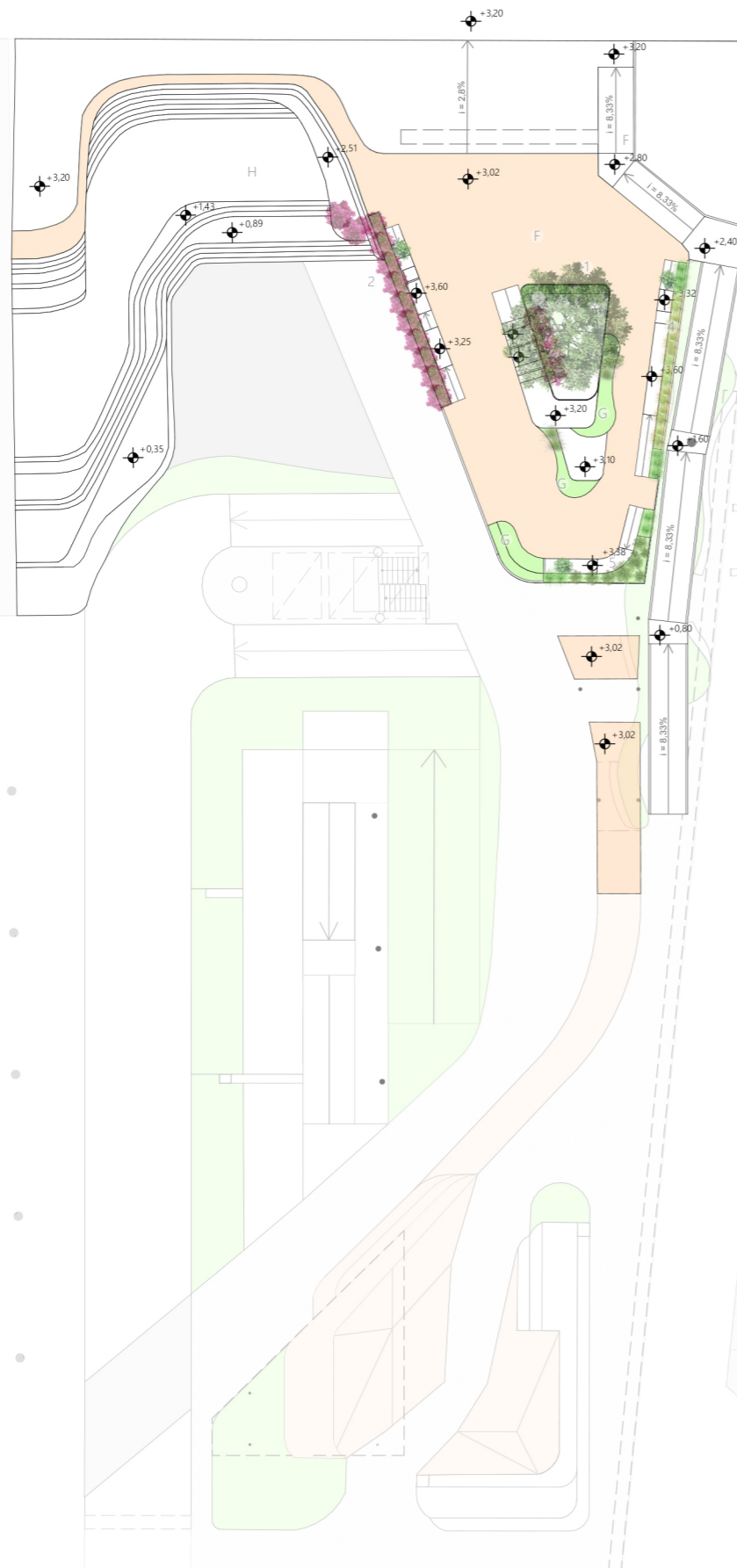


planta baixa - nível superior

rua tenente silveira | +3,20



calungas



LEGENDA

- F. piso em madeira aplicado sobre a madeira laminada cruzada (CLT)
- G. canteiros com grama esmeralda ou folhagens
- H. piso fulget cor cinza

vegetação

1. pau-ferro
2. bougainvillea
3. samambaia de metro
4. íris-da-praia
5. çica

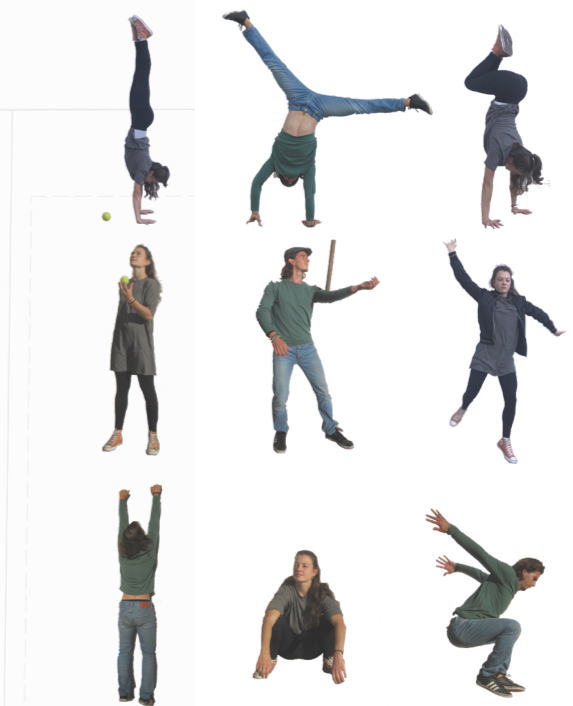
rua felipe schmidt | +0,00



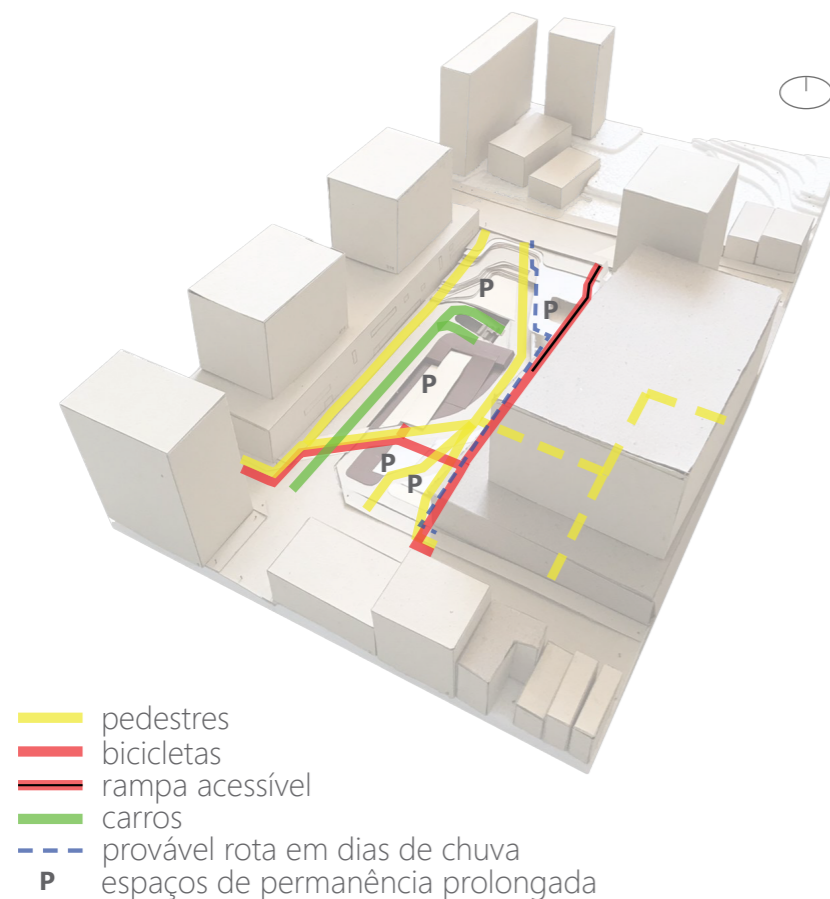
Além de fornecer a informação de comparação da escala dos espaços projetados com a escala humana, os calungas são utilizados na representação do projeto para simular algumas maneiras de apropriação que foram imaginadas.

Neste trabalho, esta função ganha especial relevância por se tratar de uma proposta de desenho fundamentada em princípios não-deterministas que servem de base para uma utilização inspirada na prática de movimento.

Por essa razão, foram confeccionados calungas personalizados para representar formas de apropriação do projeto.



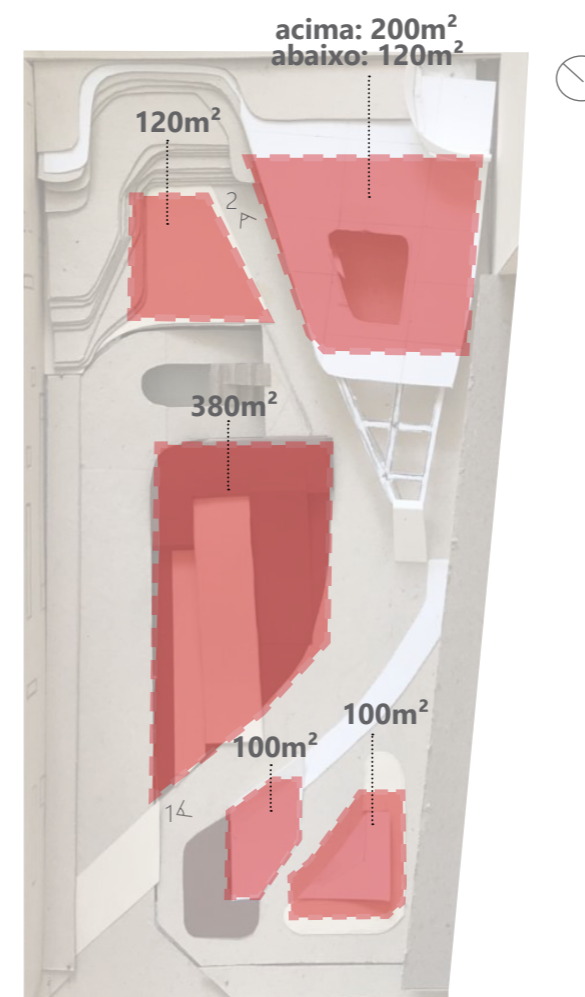
circulação e permanência



esquema de principais caminhos e espaços de permanência sobre maquete física. Fonte: autora.

Apesar de no projeto não existir uma separação clara entre a "passagem" e a "permanência" dos usuários, a organização dos espaços com base em locais propícios para circulação e para estar é um elemento estruturante para a proposta. Para delinear o desenho da praça, além do respeito e fortalecimento dos fluxos já existentes no local, são criados novos caminhos e maneira possíveis de percorrê-lo. Dentro destes últimos destacam-se os caminhos para bicicletas, o incentivo à criação de conexão com a rua Álvaro de Carvalho, através da proposta de galerias, o fluxo em dias de chuva, e a rampa acessível. Além, é claro, de todo o desenho com planos, texturas e superfícies passíveis de serem exploradas.

relação de áreas dos principais espaços de permanência



eixos de visão



vista da praça a partir da travessia de pedestres sobre a via de acesso de carros ao estacionamento. Fonte: autora.

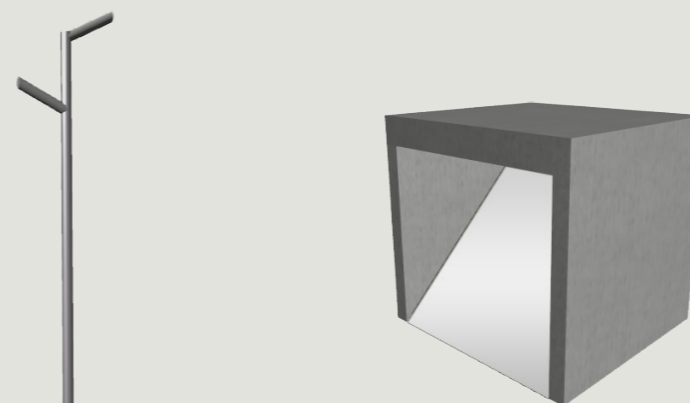


vista da praça a partir do nível inferior da escadaria da rua tenente silveira. Fonte: autora.

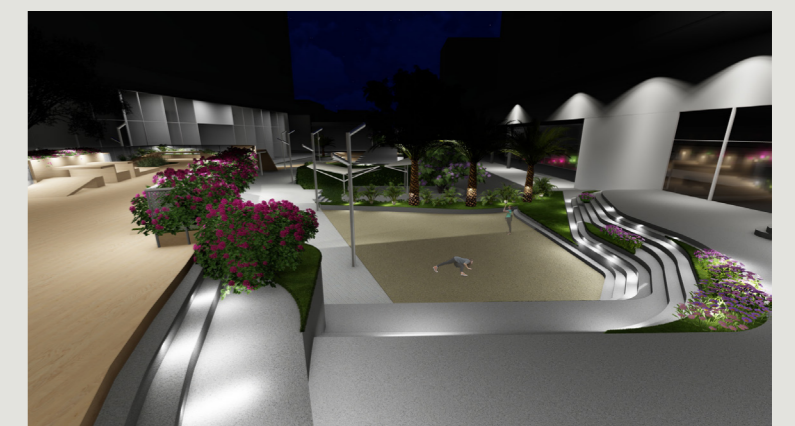
iluminação

A iluminação da praça foi pensada de modo a proporcionar um ambiente seguro e agradável para seus usuários, também quando não está sendo iluminada pelo brilho do sol. Para isso, além da iluminação já existente, proveniente dos postes instalados no entorno da praça, é proposta a instalação de alguns equipamentos de iluminação suplementar e com incidência mais diretas sobre o terreno em questão

Dentre as soluções possíveis, optou-se pelos **postes**, localizados em pontos estratégicos de modo a fornecerem uma luminosidade mais abrangente, **luminárias de teto em trilhos** instaladas junto às coberturas, **balizadores**, que iluminam de maneira mais pontual e direcionada e que também dão destaque para elementos do projeto, como a vegetação ou a mobiliário, juntamente com as **fitas de led**.



representação de poste e balizador para o projeto. Fonte: autora



vista noturna da praça a partir da rua tenente silveira. Fonte: autora

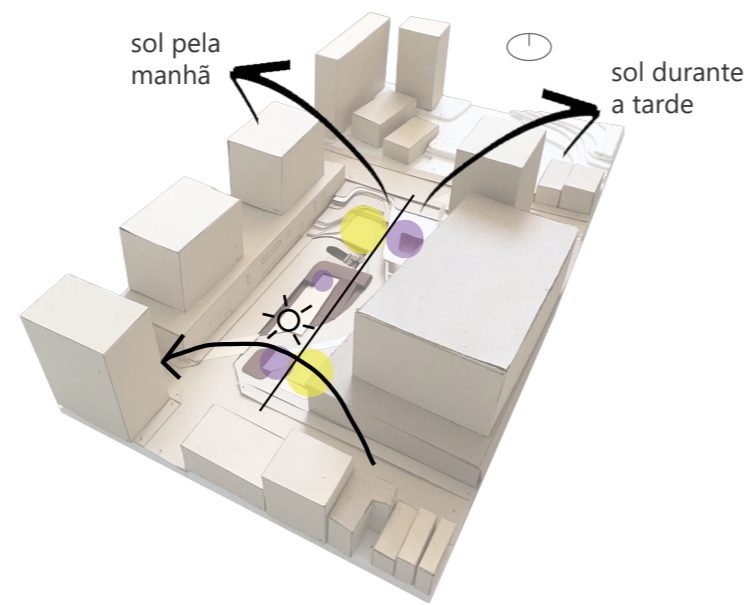
paisagismo e vegetação

A proposta paisagística da praça teve como base o levantamento das mais de 35 espécies e 62 exemplares vegetativos presentes atualmente no local. A partir disso e considerando manter alguns exemplares, quando viável, traçaram-se as diretrizes para a nova composição da paisagem, que são:

- A) utilização principalmente de plantas nativas e rústicas (baixa manutenção)
- B) preferência por densidade à variedade.



Levantamento da vegetação existente na praça. Fonte: autora



zoneamento paisagístico

O zoneamento paisagístico da praça nasce do estudo do sol, onde se destaca o movimento transversal deste com relação ao terreno. Considerando as características climáticas da cidade de Florianópolis, existe o cuidado na proposição tanto de áreas sombreadas (iden-

tificadas com a cor roxa no esquema ao lado), quanto iluminadas (identificadas com a cor amarela), em ambos os períodos do dia (manhã e tarde). O sombreamento é garantido pelo desenho de coberturas e também pela utilização de vegetação de grande porte.

plantas de sol

FORRAÇÃO
grama esmeralda

FOLHAGEM
íris-da-praia

ARBUSTIVA/ORNAMENTAL
bougainvillea **M**
estrelícia **M**

ARVORETA/PALMEIRA
çica **M**
butiá **M**

GRANDE PORTE
quaresmeira **M**
pau-ferro

plantas de sombra

FOLHAGEM
caeté-roxo

ARBUSTIVA/ORNAMENTAL
calatéia
samambaia de metro

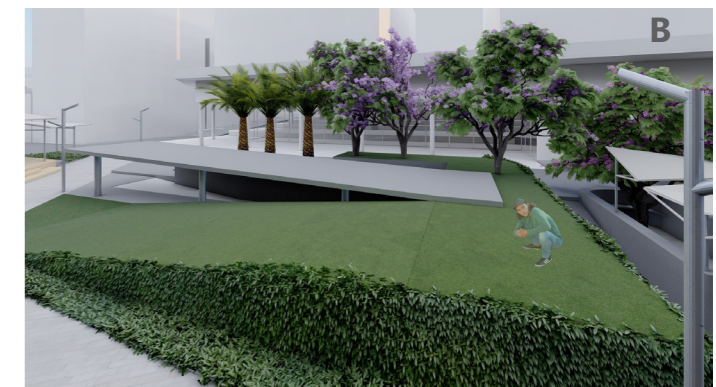
M = espécies que foram mantidas



Representação esquemática da composição vegetativa sugerida. Fonte: autora



Composição com caeté-roxo, calateia pau-ferro e samambaia de metro. Fonte: autora

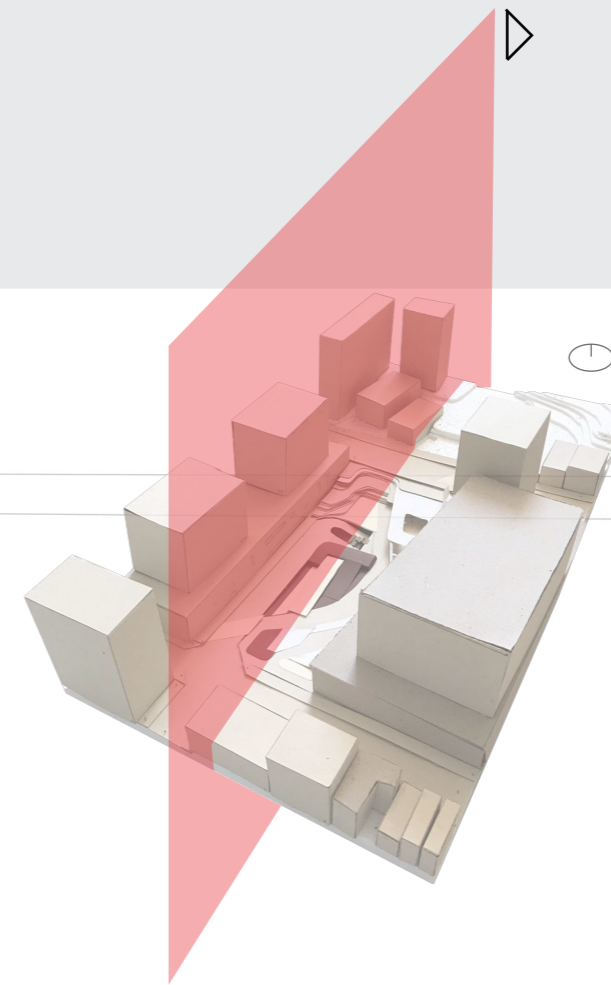
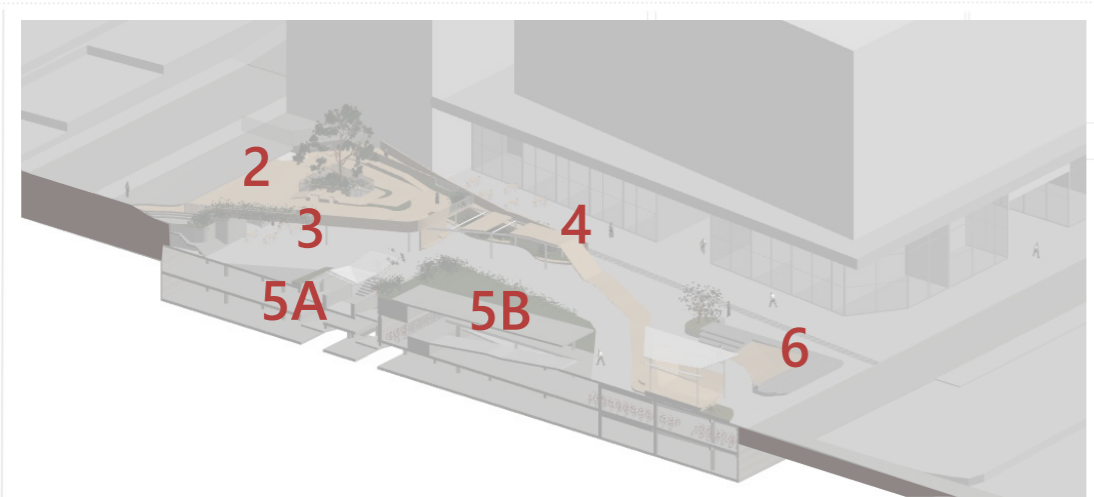


Composição com butiá, quaresmeira e grama esmeralda. Fonte: autora

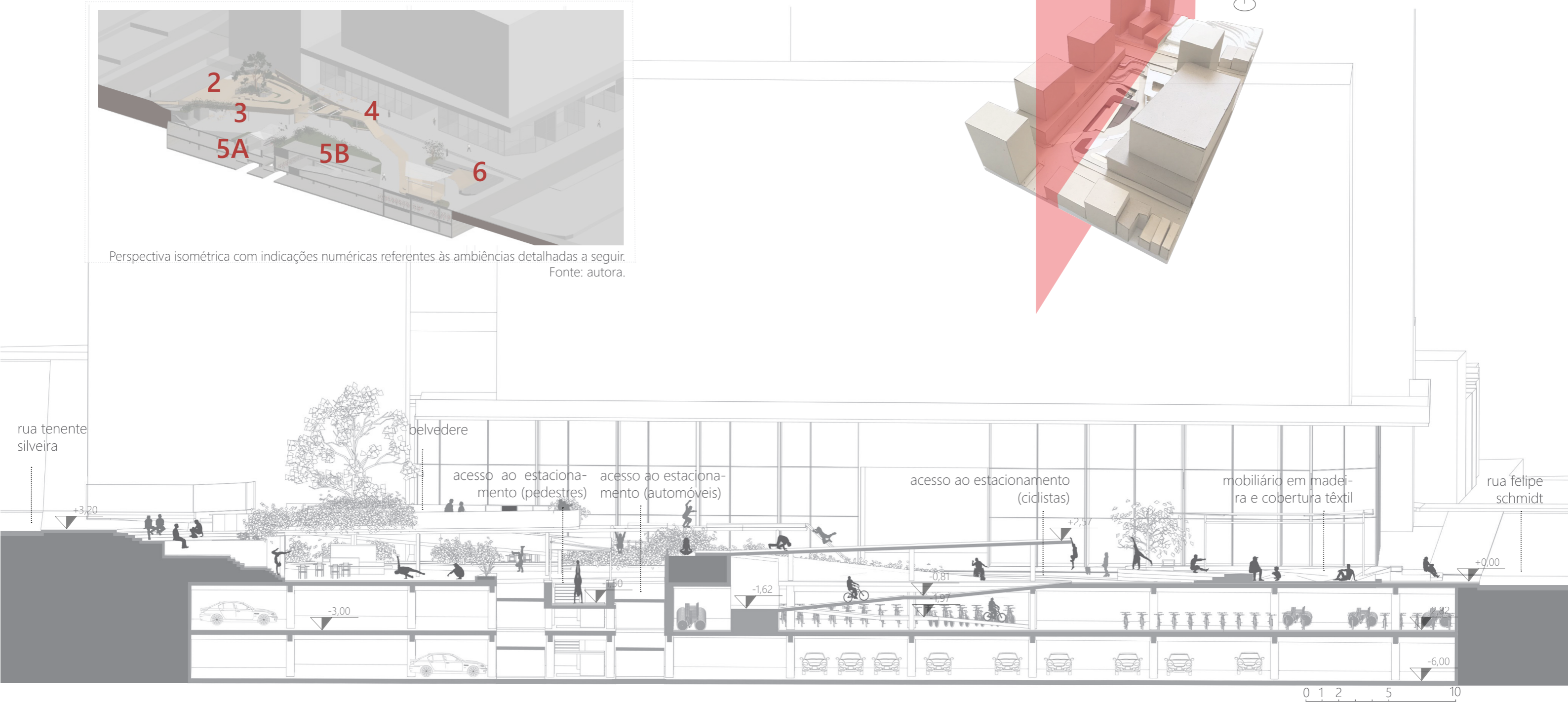


Composição com bougainvillea. Fonte: autora

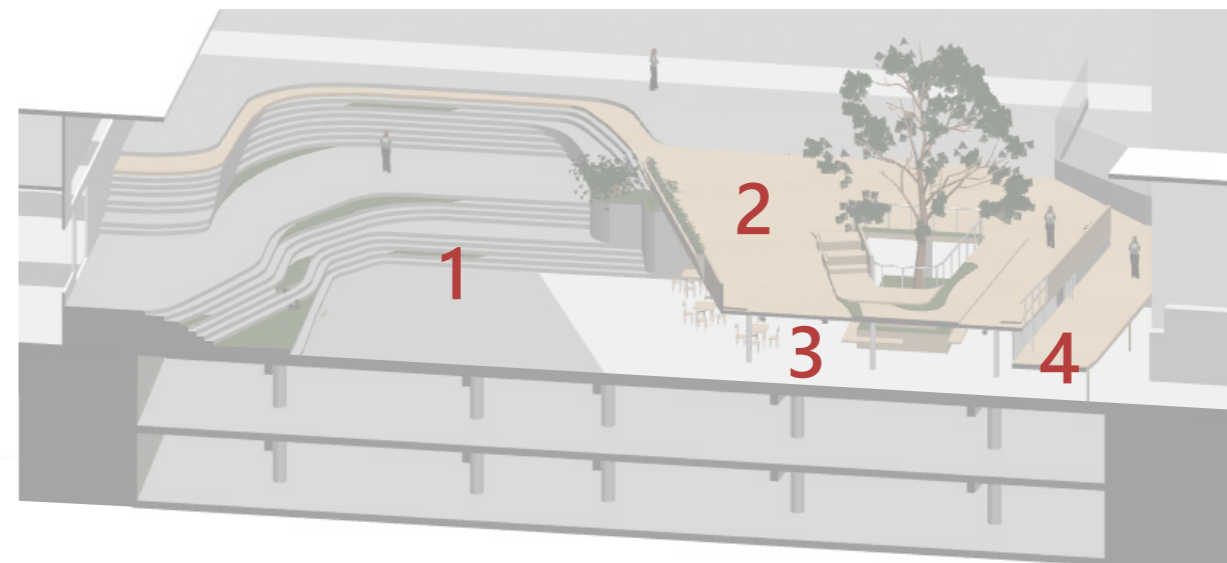
corte esquemático perspectivado longitudinal



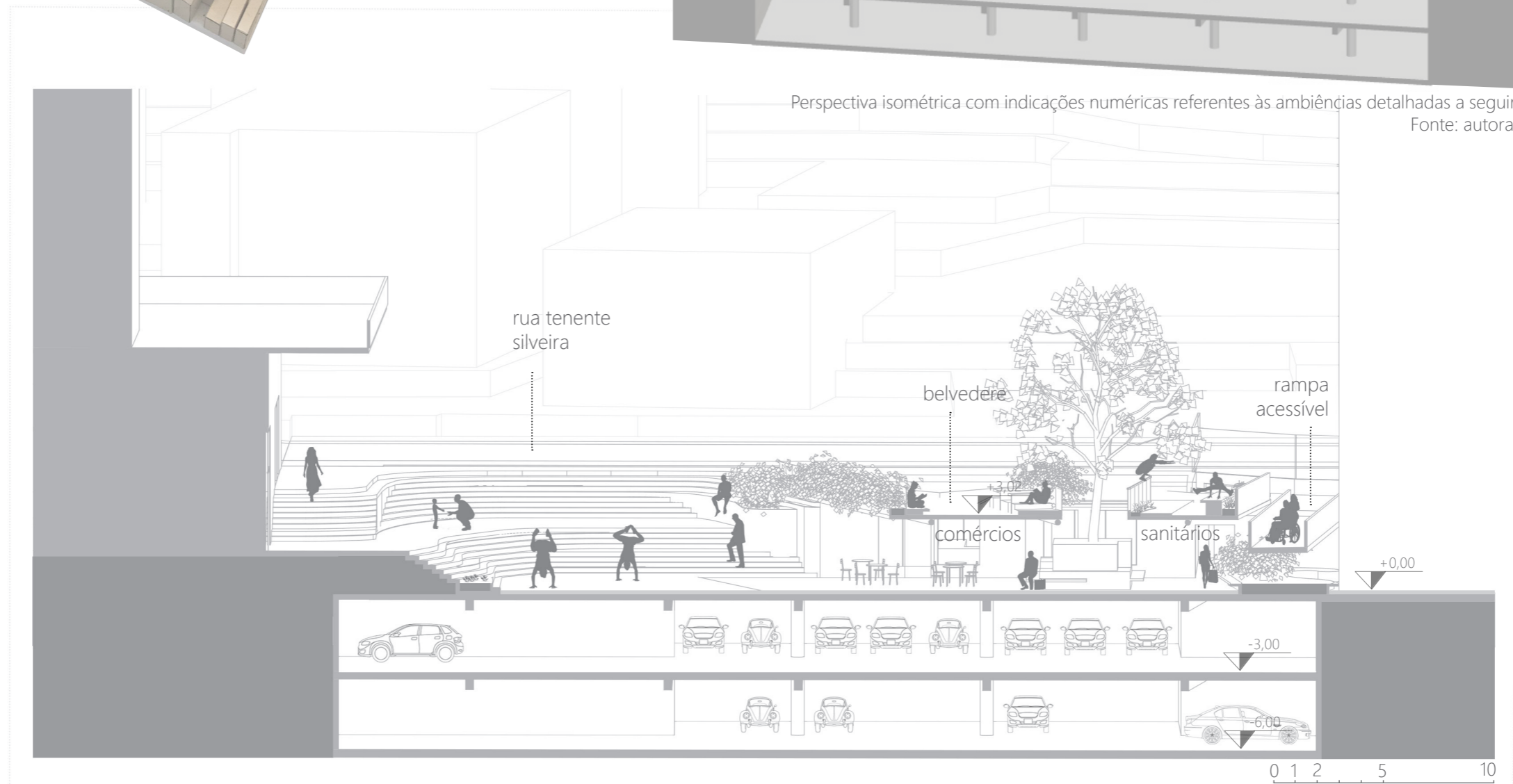
Perspectiva isométrica com indicações numéricas referentes às ambiências detalhadas a seguir.
Fonte: autora.



corte esquemático
perspectivado
transversal



Perspectiva isométrica com indicações numéricas referentes às ambiências detalhadas a seguir.
Fonte: autora.



ambiências

1 grande escadaria

A escadaria original, que além de fragmentar o espaço tinha uma apropriação restrita a subir ou descer seus degraus, foi substituída pelo desenho de um objeto em concreto armado que integra os platôs formados pela rua Tenente Silveira e pela extensão do terreno da praça, até chegar na rua Felipe Schmidt.

A nova escadaria é um espaço da circulação e também de permanência, pela configuração de patamares em muitas alturas diferentes, que instigam a criatividade para muitas formas de utilização, indo desde maneiras de sentar/deitar até a realização de movimento explosivos como saltos e acrobacias. Finalmente, o amplo espaço livre aos pés da escadaria tem o intuito de servir de espaço para **reunião de grupos grandes**, que podem integrar-se com o espaço sem prejudicar a circulação.



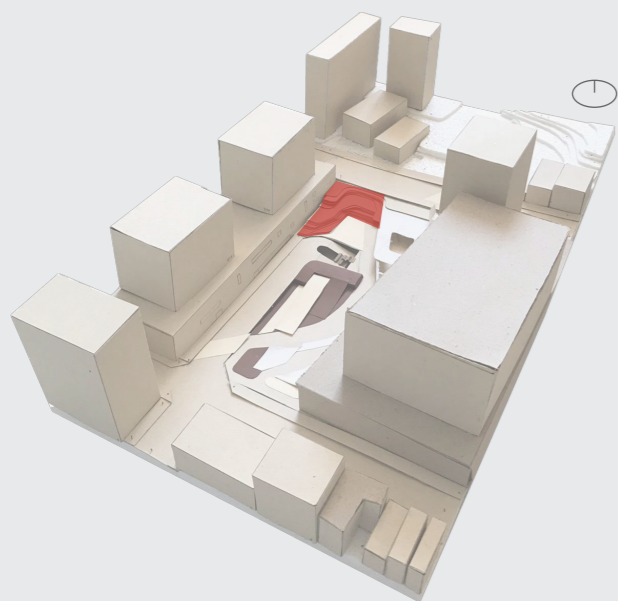
Escadaria e espaço livre em seu nível inferior, com belvedere e espaço coberto ao fundo. Fonte: autora.



Algumas possibilidades de utilização da escadaria. Fonte: autora.

caixas de vegetação

Por se tratar de um projeto sobre uma laje de cobertura, os locais de aplicação de vegetação exigiram a proposição de caixas contendo camadas de impermeabilização, drenagem e solo. A altura das caixas variam conforme a profundidade da camada de terra exigida em função do porte da planta.



				Substrato Filtro geotêxtil Drenagem Isolamento térmico
Altura de crescimento	5-15 cm	15-100 cm	> 250 cm	Sistema de impermeabilização com lâmina ante-raiz
Altura de substrato	8-10 cm	30 cm	30-100 cm	Suporte estrutural
Carga superficial	100 kg/m ²	250-300 kg/m ²	400-700 kg/m ²	
Vegetação	Herbácea extensiva	Herbácea intensiva	Arbustiva ou arborea	

Dimensionamento de caixas de vegetação segundo o porte da planta. Fonte: SADDI e MOURA, 2010

Conexão visual entre o belvedere e a escadaria. Fonte: autora.



ambiências

2 belvedere

O espaço denominado "belvedere" consiste em um prolongamento da superfície no nível da calçada da rua tenente silveira (+3,20m). Ele conforma um espaço de contemplação e permanência, com mobiliário urbano de apropriação variada e também espaço livre para realização de **atividades individuais ou em pequenos grupos**.

Além disso, o desenho desse objeto denota um gesto de transição entre os dois principais níveis do projeto, por um lado, através da rampa acessível a ele associada, e por outro, por meio da sua materialidade. A madeira se estende através destes elementos até o nível inferior da praça, onde tem papel importante na organização do espaço por meio do desenho de piso e do mobiliário. Sua textura traz a sensação de aconchego e convida o usuário à exploração de maneiras mais íntimas de se relacionar com o espaço, como por exemplo em **atividades com amplo contato com o solo ou uma superfície**.

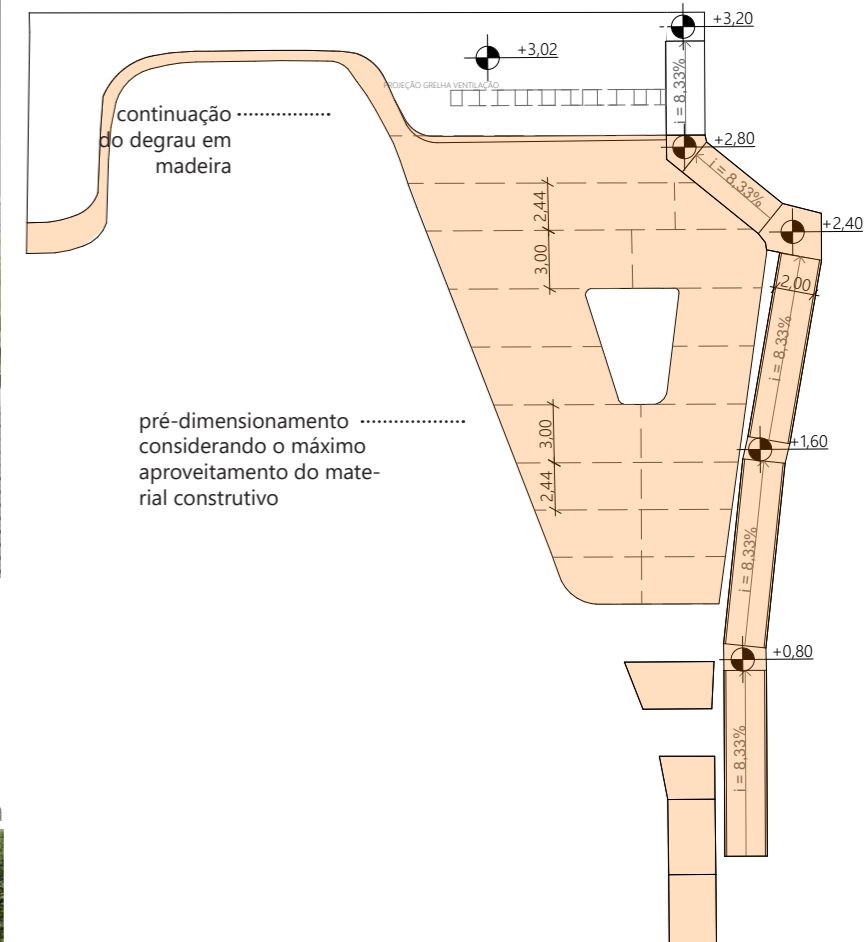


Vista geral do belvedere. Fonte: autora

Conexões visuais e possibilidades de utilização do espaço do belvedere. Fonte: autora



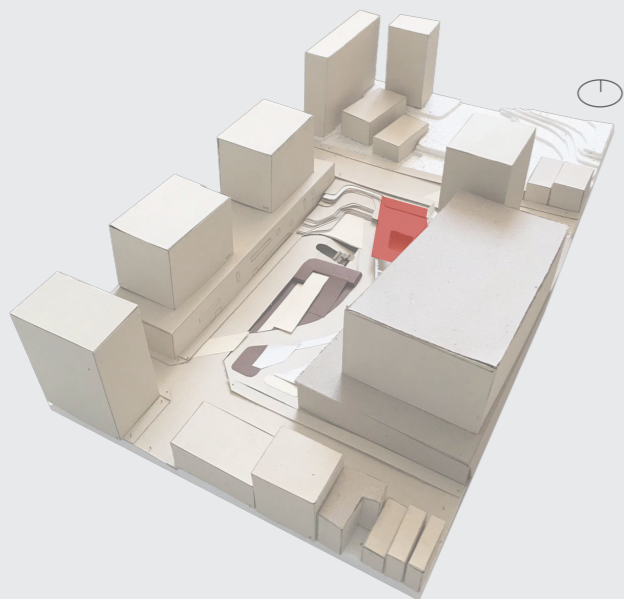
materialidade



Pré-dimensionamento das placas de CLT considerando seu máximo aproveitamento. Fonte: elaborado pela autora.

Esse espaço foi pensado para ser construído com placas de madeira laminada cruzada (CLT - cross laminated timber), encaixadas sobre uma estrutura mista de paredes de concreto armado, vigas e pilares em aço.

Segundo o fabricante do material, as placas possuem dimensões máximas fixas, que podem ser: 2,44m x 8,05m ou 3m x 12m. No projeto, elas são pré-dimensionadas levando em consideração o máximo aproveitamento dos cortes do material.





ambiências

3 espaço coberto, salas comerciais e sanitários

O espaço abaixo do belvedere se apresenta como um local de permanência ao abrigo do sol e da chuva, configurado pela cobertura e pelo desenho do mobiliário. A instalação de salas comerciais e sanitários nesse local garante que ele seja continuamente utilizado e cria uma quarta fachada ativa voltada à praça no nível zero.

Além da circulação associada à instalação desses equipamentos, esse espaço ganha um fluxo específico de pedestres em dias chuvosos, pois estes podem cruzar a praça longitudinalmente evitando a exposição à chuva.

A porção abaixo da cobertura que conta com espaço livre entre pilares é pensada para ser disponibilizada para **práticas de movimento ou qualquer outro tipo de encontro de grupos, independente de condições climáticas**. O tabique de madeira aí posicionado ajuda a organizar esse espaço e serve de apoio para o desenvolvimento de atividades nesse local.

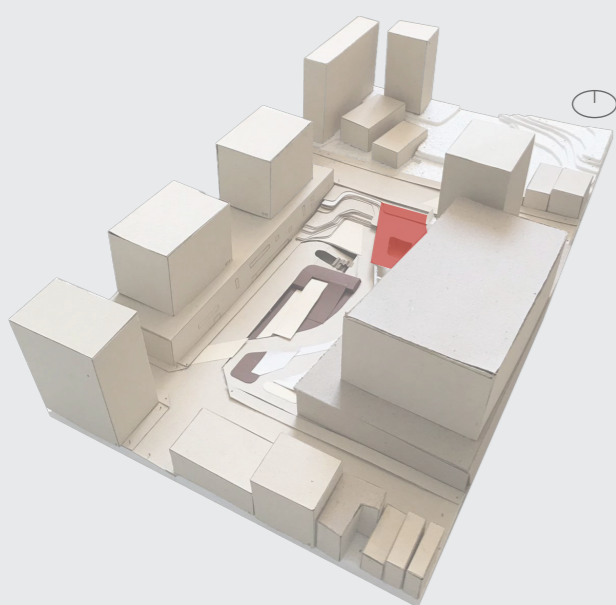


Interação com fachada comercial e possibilidades de utilização do espaço abaixo do belvedere. Fonte: autora



Interação com uso comercial e possibilidades de utilização do espaço abaixo do belvedere. Fonte: autora

Possibilidades de utilização do espaço abaixo do belvedere. Fonte: autora



CLT | aço | concreto

O sistema estrutural que é recoberto por placas de CLT é principalmente composto de vigas e colunas em aço com seção circular de 20 cm de diâmetro. A seção circular é escolhida por permitir **mais formas de interação com o corpo**, enquanto que o grande espaçamento entre os pilares é permitido pelo fato de a CLT ser um material auto-portante e que não necessita de grande número de vigas abaixo de sua estrutura.

Além disso, paredes estruturais de concreto delimitam o espaço aos fundos das salas comerciais e pelos sanitários, ao mesmo tempo em que contêm o volume de terra que não foi escavado. As divisórias internas nesse local são de steel frame.



ambiências

4 rampa acessível

A rampa acessível com mais de 40m de comprimento foi projetada para vencer o desnível de 3m de altura entre as ruas localizadas em duas extremidades opostas da praça. Com 2m de largura livre, ela permite o deslocamento de pessoas com mobilidade reduzida, que utilizem cadeiras de rodas e também de ciclistas.

Ela também está concebida para ser construída em CLT, tendo estrutura independente do belvedere. O apoio se dá nos patamares, com viga e pilar de concreto armado.

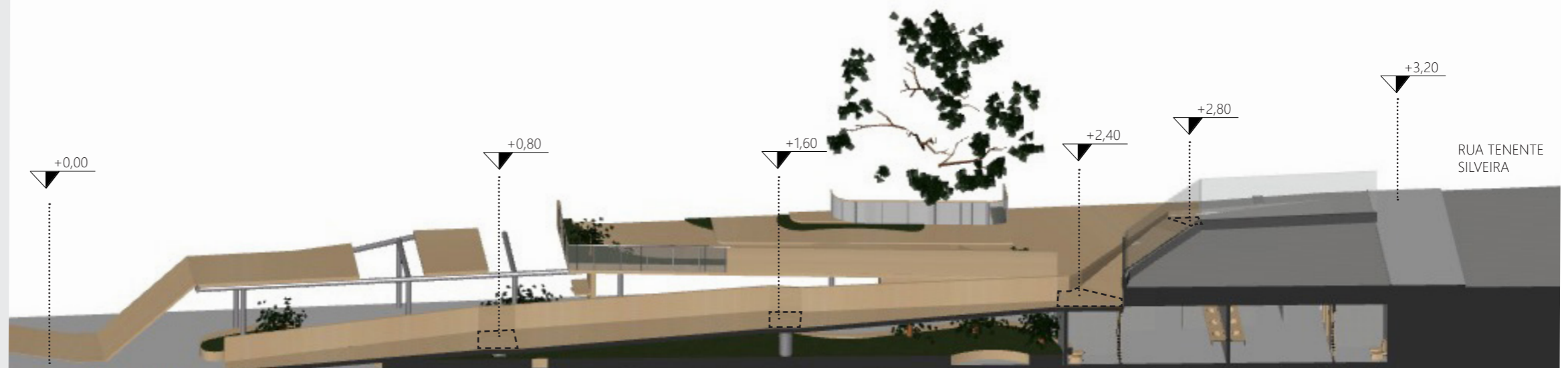
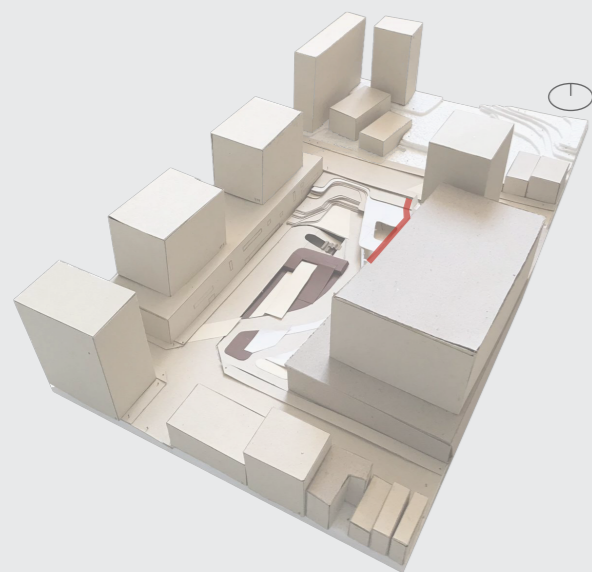
Nesse local, um jardim sombreado com plataformas em madeira cria uma ambiência interessante no nível mais baixo da praça e dialoga com a rampa na medida em que ela ganha altura, até o nível do belvedere.



Possibilidades de utilização do espaço associado ao jardim sombreado abaixo da rampa. Fonte: autora.



Conexões visuais e possibilidades de utilização da rampa. Fonte: autora.

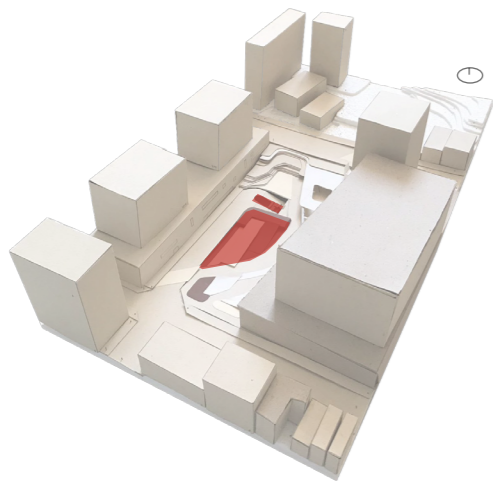


Corte esquemático com destaque para os níveis dos patamares da rampa acessível. Fonte: elaborado pela autora.

ambiências pontos de acesso ao subsolo

5A acesso pedestres

O acesso para pedestres ao estacionamento é conservado por meio da escada original do projeto. A proposta, neste ponto, se dá com relação ao uso do espaço localizado na parte de trás da escadaria. A laje, que originalmente servia de teto para a lavagem de automóveis instalada no estacionamento, é rebaixada até o nível -1,50, onde se cria um pequeno **espaço de permanência associado ao patamar entre os lances da escada**.



Conexões visuais e possibilidade de utilização do espaço associado ao patamar da escada para o subsolo. Fonte: autora



Possibilidades de utilização do espaço associado à cobertura do acesso de ciclistas ao subsolo. Fonte: autora.

Conexões visuais e possibilidade de utilização do espaço associado ao acesso de ciclistas ao subsolo. Fonte: autora

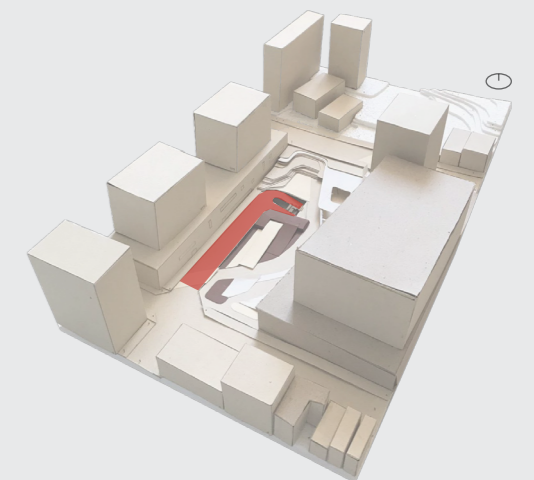
5B acesso ciclistas

Os ciclistas ganham um acesso exclusivo e bem marcado até o estacionamento de bicicletas. Trata-se de uma estrutura de rampas em concreto armado, coberta por lajes também inclinadas e amplamente ajardinadas, combinadas com patamares que possuem espaços de estar. Estes elementos aliam a utilidade deste acesso à garagem à conformação de uma **ambiência agradável, que pode ser tanto de relaxamento próximo à natureza, quanto de estímulos para o movimento do corpo**, através da materialidade e forma arquitetônica propostas.



acesso automóveis

O acesso de automóveis permanece inalterado, acontecendo pela via já existente que acompanha a face oeste da praça e se conecta com a rua Felipe Schmidt.



ambiências

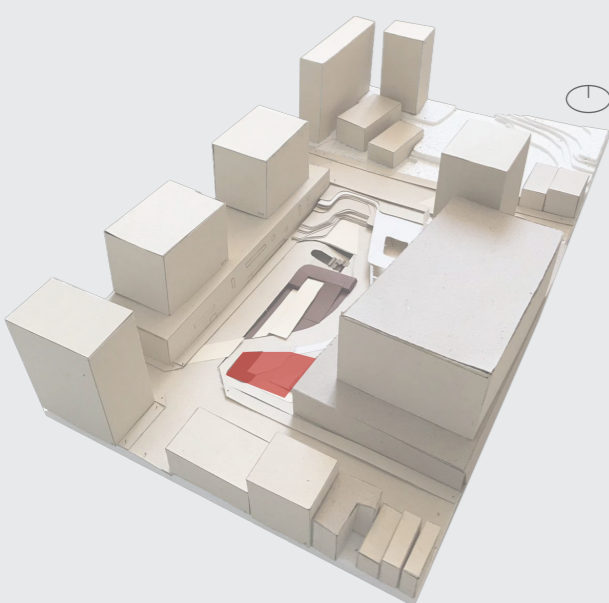
6 interface com rua felipe schmidt

O acesso de pedestres à praça a partir da rua Felipe Schmidt recebe o desenho de um objeto que **organiza os fluxos e eixos visuais, além de criar espaços de permanência**. Este objeto engloba uma composição de ajardinamento, degraus de concreto e um mobiliário versátil em madeira, em um sistema que ora está em contato com o fluxo interno da praça, ora com o da rua.

A porção oeste desse espaço recebe uma cobertura em membrana têxtil tensionada sobre estrutura de aço que é capaz de servir como abrigo do sol para **uma pausa ou uma prática** nas horas mais quentes do dia.



Conexões visuais e possibilidade de utilização do espaço associado ao acesso à praça pela rua Felipe Schmidt. Fonte: autora.



Conexões visuais e possibilidade de utilização do espaço associado ao acesso à praça pela rua Felipe Schmidt. Fonte: autora.



coberturas

A cobertura de frente para a rua Felipe Schmidt foi concebida com base em uma estrutura de pilares e vigas de aço de seção circular e diâmetro de 10 cm. Na parte superior, as barras formam molduras anguladas que recebem a aplicação de membrana têxtil tensionada, possivelmente de PE/PES.

Para proteção da escada que dá acesso ao subsolo da praça, foi utilizada estrutura semelhante, conforme imagens abaixo.



cobertura Felipe Schmidt
Fonte: autora

cobertura escada estacionamento
Fonte: autora



Conexões visuais e possibilidades de utilização do prolongamento da estrutura que constitui a laje do belvedere. Fonte: autora.

CARVALHO, Rui Gonçalves de e PEREIRA, Ana Luísa. Percursos alternativos - o Parkour enquanto fenómeno (sub)cultural. *Rev. Port. Cien. Desp.* [online]. 2008, vol.8, n.3, pp.427-440. ISSN 1645-0523

CARVALHO, A; PEREIRA, R.. Espaços Paralelos - produções e apropriações através dos desportos urbanos alternativos. *Revista Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. XX, 2010, pp. 39-64. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=426539981003>> Acesso em 20 de outubro de 2020.

DIMOG, Jan. Joseph Bartz ensina movimento e reinterpreta o espaço urbano: desejo de se mover. *The Link*, 2016. Disponível em: <<https://thelink.berlin/2016/06/joseph-bartz-ido-portal-parkour-velodrom-dominique-perrault/>>; Acesso em 17 out. 2020.

INGOLD, Tim. 1948 - Estar vivo, ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição; tradução de Fábio Creder - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JACQUES, Paola, Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA, 2012.

KARPOUZAS, Helena. A casa moderna ocidental e o Japão: A influência da arquitetura tradicional japonesa na arquitetura das casas modernas ocidentais. Dissertação de mestrado UFRGS. Porto Alegre, 2003

LE CORBUSIER, El Modulor. Tradução de Rosario Vera. Buenos Aires: Editorial Poseidon, 1953.

MINSKY, M: 1986, *The society of mind*, Simon & Schuster, New York.

PORT, Vinícius. Entrevista concedida verbalmente à autora. Florianópolis, outubro de 2020

PORTAL, Ido. Ido Portal: culture. c2017 Disponível em: <<http://www.idoportal.com/culture>>; Acesso em: 19 de out. de 2020.

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. Povo: Guarani. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal>; Acesso em: 15 de out. de 2020.

ROMÁN, M.; VELÁZQUEZ, I. *Guía de Urbanismo con Perspectiva de Género. Comunidad Autónoma de Murcia: Consejería de Política Social, Mujer e Inmigración*. 2008.

SENNET, Richard. *O Declínio do Homem Público — As Tirantias da Intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES, C. Práticas corporais: invenção de pedagogias? in: SILVA, A; DAMIANI, I. (org.) *Práticas corporais. Gênese de um movimento investigativo em educação física*. Florianópolis: Nauemblu, vol. 1. p. 42-62. 2005. Disponível em: <<https://docente.ifrn.edu.br/augustodantas/disciplinas/material-didatico/livro-praticas-corporais>> Acesso em: 01 de dezembro de 2020.

STOFELLA, A. Novo olhar sobre o Parque da Luz: uma intervenção física e virtual. Trabalho de Conclusão de Curso - UFSC. Florianópolis, 2017.

TURKIENICZ, B; WESTPHAL, E. *The Cognitive Studio - exercises in design learning*. In: Steinø, N.; Özkar, M. (Ed). *Shaping design teaching: Explorations into the teaching of form*. Aalborg: Aalborg University Press, 2012

ZANIN, Nauíra. *Intervenções arquitetônicas junto a povos indígenas: processo de projeto, apropriação de uso de ambientes escolares*. Tese de doutorado UFSC. Florianópolis, 2018

referências